

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

Faculdade de Ciências e Letras

Campus de Araraquara – S.P.

KARINA NONATO FERNANDES

**MUSICA E INFÂNCIA: compreendendo o significado da sexualidade
através da Educação Musical**



ARARAQUARA – S.P.

2015

KARINA NONATO FERNANDES

**MUSICA E INFÂNCIA: compreendendo o significado da sexualidade
através da Educação Musical**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, na Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Araraquara, como requisito básico para continuidade do projeto para a obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

ARARAQUARA – S.P.

2015

KARINA NONATO FERNANDES

MÚSICA E INFÂNCIA: compreendendo o significado da sexualidade através da Educação Musical

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual, na Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ Araraquara, como requisito básico para continuidade do projeto para a obtenção do título de Mestre em Educação Sexual.

Linha de pesquisa: Sexualidade e educação sexual: interfaces com a história, a cultura e a sociedade.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina -Universidade Estadual Paulista FCLAR

Membro Titular: Prof^a Dr^a Luci Regina Muzzetti - Universidade Estadual Paulista FCLAR

Membro Titular: Prof^a Dr^a Sonia Maria Villela Bueno – Universidade de Ribeirão Preto-USP.

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras

UNESP – Campus de Araraquara

ATESTADO DE APROVAÇÃO - DEFESA

nº 431 / 2015

ATESTAMOS que **KARINA NONATO FERNANDES**, RG 28.385.939-8 SSP/SP, defendeu, no dia 07/08/2015, a dissertação intitulada "MUSICA E INFÂNCIA: compreendendo o significado da sexualidade através da Educação Musical", junto ao Programa de Pós-graduação em Educação Sexual, tendo sido "APROVADA".

Atestamos ainda que a obtenção do título dependerá de homologação pelo Órgão Colegiado competente.

Araraquara, 7 de agosto de 2015.

ALZIRA AP G SILVA CASTANHARO
Supervisora Técnica de Seção - Substituta

AGRADECIMENTOS

*Viver é afinar um instrumento, de dentro pra fora,
de fora pra dentro a toda hora a todo momento. (Walter Franco)*

A Deus, nosso mestre e guia para as horas de dificuldades, através da prece afino meu instrumento interior, meus sentidos para seguir livremente o meu caminho. Muito obrigada!

*Nem o sol, nem o mar, nem o brilho das estrelas,
Tudo isso não tem valor, sem ter você.
Sem você nem o som da mais linda melodia,
Nem os versos dessa canção irão valer. (Beto Guedes)*

Sem os meus queridos pais, Maria Aparecida e Benedicto Félix, nada poderia ter sido tão especial, pois é com o exemplo, a coragem e a fé que eles me ensinam diariamente que posso trilhar passos de certezas e felicidades. Amo vocês, muito obrigada por tudo!

*Mar sobre o céu, cidade na luz,
Mundo meu, canção que eu compus,
Mudou tudo agora é você.
A minha voz que era da amplidão,
do universo da multidão,
Hoje canta só por você. (Caetano Veloso)*

Meu amado marido e companheiro Daniel e meu amor maior, meu filho Igor, hoje todas as canções que canto são para vocês e nossas vidas, nossa felicidade, obrigada por fazerem parte da minha vida e darem a luz que me guia para a felicidade. Amor sempre!

*Há canções e há momentos,
Em que a voz vem da raiz,
Eu não sei se quando triste ou se
Quando sou feliz.
Eu só sei que há momentos,
Que se casam com a canção,
Em fazer tal casamento viver a minha
Profissão. (Milton Nascimento/)*

Meus queridos irmãos (Fernando, Lindolfo e Ricardo) e irmãs (Sandra e Valéria), com a música vamos fazendo uma vida de bênçãos, muito obrigada por todas as influências

musicais, por todos os momentos de música que são especiais e que trago e trarei em meu coração por toda vida.

Um agradecimento especial a minha irmã Valéria que mesmo em um momento tão difícil de sua vida me auxiliou e me fez persistir para prestar o mestrado que agora concluo. Obrigada querida irmã!

O seu olhar, seu olhar melhora, melhora o meu. (Arnaldo Antunes)

Meus queridos colegas de trabalho e meus amados alunos que melhoram meu olhar para a Educação, obrigada por me permitir crescer como ser humano todos os dias. Obrigada pela oportunidade que cada um me proporciona de ser uma pessoa melhor e mais humana através do convívio e momentos de reflexão.

Agradeço aqui também, com um olhar mais que especial à minha sogra Vera Lucia pelo carinho que sempre dedicou a mim, meu filho e meu marido, sem sua preciosa ajuda e colaboração, muitas tarefas não se tornariam possíveis e reais. Muito obrigada!

*A vida tem sons,
Que pra gente ouvir,
Precisa aprender,
A começar de novo,
É como tocar um mesmo violão
E nele compor uma nova canção. (Roupa Nova)*

Através dessa canção dedico meus agradecimentos para aquelas pessoas que sempre nos incitam a mudanças. À Profa. Dra Sonia Maria Vilella Bueno, nossa querida Soninha, meu eterno muito obrigada por ter me acolhido e me encaminhado logo no início da graduação para a formação acadêmica, para a pesquisa e me mostrar a possibilidade de trazer a música como recurso nos temas da sexualidade. Com mais maturidade, vejo o quanto sua ajuda me foi de suma importância para que hoje me tornasse um pouco mais conhecedora dessa temática e ainda a minha gratidão pela amizade e carinho verdadeiros. Muito obrigada!

Ao Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro que com sua luta constante abriu as portas para esse mestrado em Educação Sexual, um momento histórico, sendo possível estudar, pesquisar, atuar e levar para a sociedade conhecimentos que muitas vezes estão na academia, ou seja, nas graduações e pós-graduações, conhecimentos acessados pelas minorias. Muito obrigada pela oportunidade!

Ao Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina, meu querido orientador, que com todo seu carisma, toda sua competência, me guiou para tornar realidade essa dissertação, e ainda um guerreiro em suas atividades e funções que desempenha com maestria, um verdadeiro exemplo de professor. Obrigada por fazer parte da minha vida nessa etapa tão especial!

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os professores, em especial às docentes entrevistadas que voluntariamente participaram dessa pesquisa. Mesmo com uma formação que ainda apresenta lacunas, continuam acreditando na Educação e levando o conhecimento e, pelo amor à profissão, persistem na formação de seres humanos e futuros cidadãos.

RESUMO

Esta pesquisa de Mestrado Profissional em Educação Sexual pela UNESP-Araraquara traz como temática a música e a sexualidade, levando o leitor a uma reflexão acerca do papel das letras das músicas na infância das crianças e sua sexualidade, além de entender como essas canções estão arraigadas de conceitos que normatizam a sociedade nas questões de gênero. Numa visão hetero-normativa, elas podem tornar as crianças adultas precocemente, ou seja, contribuir para que as mesmas se transformem em mini-adultos sem conscientização a respeito das letras de músicas populares não direcionadas para elas e que são reproduzidas ao dançar e cantar. Para tanto, partimos da pesquisa bibliográfica e, posteriormente, uma pesquisa de campo com professores do Ensino Infantil que atuam na faixa etária de 4 a 5 anos, realizando entrevistas semiestruturadas, para através desse levantamento, fazer uma reflexão acerca da apreensão da criança frente às músicas populares a que estão diretamente expostas. É possível sugerir uma forma de abordar a questão da sexualidade para a criança através da música, bem como trazer sugestões de como trabalhar a Educação Sexual e a Educação Musical na sala de aula.

Palavra-chave: Música. Canções Populares. Sexualidade. Infância. Educação Sexual.

ABSTRACT

This Professional Master's Research in Sex Education UNESP-Araraquara has as theme, music and sexuality, taking the reader to reflect on the role of song for children in its infancy, and their sexuality, and understand how these songs are rooted concepts that regulate society in gender issues, a hetero-normative view, and make adult children, ie children are being added as mini-adults, without awareness of popular lyrics not aimed at children, but that they reproduce to dance and sing. The starting point of literature, and later a field research with teachers of Child Education, working in the age group 4-5 years performing semi-estuturadas interviews, for with this survey, to reflect about the seizure of child opposite the popular songs that are directly exposed, and thus suggest a way to bring the issue of sexuality for the child, through music and bring suggestions of how to work the Sex Education and Music Education in the classroom .

Keyword: Music. Popular Songs. Sexuality. Childhood. Sexual education.

SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO-----	12
2) OBJETIVO -----	14
3) JUSTIFICATIVA -----	14
4) METODOLOGIA -----	16
• 4.1) EDUCAÇÃO SEXUAL E EDUCAÇÃO MUSICAL NA PERSPECTIVA DO REFERENCIAL TEÓRICO DE BOURDIEU -----	17
5) REVISÃO DA LITERATURA -----	21
• 5.1) A História da Sexualidade no Brasil e a História da MPB: trajetórias e ligações a partir da década de 1960.-----	21
• 5.2) Canções Populares Infantis, Cantigas de Roda: questões de gênero contidas nas letras das músicas e seus conceitos que abarcam a sexualidade. -----	36
6) RESULTADOS E DISCUSSÕES -----	45
• 6.1) A música na educação: fatores a serem explicitados.-----	45
• 6.1.1) Breve trajetória do ensino de música no Brasil: algumas considerações a partir de 1960. -----	44
• 6.1.2) A importância da música para a criança. -----	48
• 6.1.3) A música e a neurociência. -----	52
• 6.1.4) A música e a questão social. -----	54
• 6.2) A Sexualidade, o sexo e a Educação Sexual: nossos (des) conhecidos. -----	57
• 6.2.1) A Educação Sexual: padrões pré-estabelecidos pela educação informal.-	62
• 6.2.2) A sexualidade infantil: a ingenuidade e a assexualidade. -----	65
• 6.2.3) Educação Sexual: possibilidade, viabilidade, um novo conceito de educação.-----	67
7) CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	70
8) REFERÊNCIAS -----	72
9) ANEXO 1-----	76

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa nasceu da experiência da prática pessoal docente em Educação Musical há mais de 20 anos, principalmente com crianças e, simultaneamente, da participação de grupos de estudos e pesquisas sobre a sexualidade humana, sob a coordenação da Prof^a Dr^a Sonia Maria Villela Bueno. Assim, a música foi vista como forma de expressão da sexualidade humana em várias pesquisas como também desenvolvida diretamente com a comunidade e suas necessidades no que tange às questões que permeiam a sexualidade e assuntos atrelados à faixa etária em foco.

Durante as aulas de música, cada vez mais era percebida a influência da música midiática e seus efeitos complexos, muitas vezes não tão positivos, sobre a educação das crianças.

A Educação Musical ainda é vista como entretenimento e nem sempre é possível perceber o quanto a sociedade é influenciada direta ou indiretamente; isso é notado quando, às vezes, uma pessoa pode passar muito tempo cantando uma mesma música, por ser a mesma impregnante. Com a criança não é diferente, a música aliada à dança e com um refrão repetitivo, torna-se atrativa e hipnotizadora, e na atualidade, surgem aquelas de apelo sexual, geralmente erotizante.

Para melhor entendimento desta questão, surgiu a ideia do Mestrado Profissional em Educação Sexual, oferecido pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP- Araraquara) tendo como coordenador o Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro, que tornou viável adentrar nas questões sobre a sexualidade, trazendo para a presente pesquisa assuntos pertinentes atrelados aos mais variados estilos musicais brasileiros.

A pesquisa foi acolhida pelo orientador Prof. Dr. Fábio Tadeu Reina que trouxe uma abordagem sociológica através do referencial teórico de Pierre Bourdieu, trazendo uma contribuição de maior eficácia ao estudo, tendo em vista as suas diretrizes.

Sendo a música e a sexualidade temáticas que têm um caráter multidisciplinar, é de suma importância consultar os teóricos da História da Sexualidade como Stearns, Garton, Foucault, e na questão musical, autores consagrados como Schafer, Tatit, Tinhorão, Willians, e ainda, Rodrigo Faour, que realizou uma rica pesquisa, a qual é possível conferir em seu livro *A História Sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na canção brasileira*, o que contribuiu, sobremaneira, para essa pesquisa atual

1) INTRODUÇÃO

O presente trabalho aborda a Educação Sexual através da música, fazendo uma reflexão acerca da influência das músicas populares brasileiras, midiáticas, no desenvolvimento infantil, tendo como referencial teórico a visão de Pierre Bourdieu, trazendo os conceitos dos comportamentos legitimados pela sociedade como: o *habitus*, a *violência simbólica*, a *herança simbólica*, a *fração de classe*, entre outros, que constrói ao longo dos tempos, dos agentes, verdades absolutas e inconscientes.

A música e a sexualidade se fazem presentes na vida dos seres humanos desde sua concepção, pois há diversos sons que fazem parte desse processo como líquido amniótico, batimentos cardíacos, respiração e essa concepção é parte de uma relação sexual que posteriormente, na formação embrionária, permitirá que se saiba o gênero desse bebê.

Ao longo dos tempos, a música é utilizada com múltiplos objetivos, ou para relaxamento ou para entretenimento, e dentro da escola, muitas vezes, como um recurso educativo. A Educação Sexual, por outro lado, ainda não tem seu lugar formal definido dentro da escola, embora essa seja feita a todo o momento dentro da família, sociedade e na escola, quando se diferencia cores de meninos e meninas, brinquedos e músicas que educam a forma de ser de cada gênero.

Tendo em vista essas perspectivas, foi feito um levantamento bibliográfico sobre a Educação Sexual e a Educação Musical, entrelaçando essas histórias, tentando refletir e trazer à tona suas significações para a sociedade, principalmente a partir da década de 1960 até os dias atuais.

Em seguida, partiu-se para a pesquisa de campo, entrevistando professoras de escolas municipais, na cidade de Ribeirão Preto – SP, que atuam com crianças do ensino infantil na faixa etária de 4 a 5 anos, para poder entender como as crianças são influenciadas, o que apreendem das canções populares midiáticas e o quanto isso influencia no seu desenvolvimento e educação. O objetivo é sugerir propostas de como trabalhar a Educação Sexual através da música, conscientizando as crianças, professoras e famílias, sobre a importância da reflexão e cuidados para com as crianças e suas exposições a músicas, propagandas, internet, enfim, às tecnologias da informação de modo indiscriminado.

Na revisão da literatura, foram analisadas a História da Sexualidade no Brasil e a História da MPB: trajetórias e ligações a partir da década de 1960 e as Canções Populares Infantis, Cantigas de Roda: questões de gênero contidas nas letras das músicas e seus conceitos que abarcam a sexualidade e perpassam por todos os períodos até os dias atuais.

Para os resultados e discussões foram evidenciadas a música e suas facetas na educação, na neurociência, na sociedade, para tanto foi apresentada uma breve trajetória do ensino da música no Brasil, considerando o período a partir de 1960.

Ainda, através das falas das professoras, analisando resultados e discussões, chegou-se a uma reflexão acerca da educação sexual, os padrões pré-estabelecidos dessa educação de uma forma informal e possibilidades para abordar a educação sexual através da música, de uma forma natural, sem tabus e preconceitos.

Nas considerações finais, a tentativa foi de resgatar tudo o que foi possível conseguir aprender com essa pesquisa, tanto através das bibliografias consultadas, quanto com as entrevistas realizadas, buscando sugerir alternativas de se trabalhar a Educação Sexual através da música, bem como evidenciar a importância de inserir a Educação Sexual e Musical na Educação Infantil, na graduação dos cursos de pedagogia, nas famílias, refletindo sobre as influências da música midiática, principalmente na sexualidade infantil.

2) OBJETIVO

Pressupostos que foram traçados:

- Levantar dados da literatura sobre os assuntos em questão.
- Pesquisar junto a docentes do ensino infantil em escolas municipais locais, a fim de identificar problemas sobre sexualidade, buscando possíveis soluções através da utilização da música com crianças.
- Sugerir propostas de trabalho sobre a Educação Sexual através da música como continuidade da presente pesquisa, através de oficinas, palestras, cartilhas educativas, entre outros.

3) JUSTIFICATIVA

Na contemporaneidade, é possível observar que algumas pessoas ouvem música para relaxar, outras, para se divertir, ou ainda para aprender, observar os sons da natureza, bem como compor música no computador ou no violão surrado. Há diferentes apropriações e representações do fenômeno social da música, mas é preciso entender o que é música.

Pode-se definir música como sendo o conjunto de acordes e melodias em consonância que trazem um som belo a quem ouve? Mas, como que dizer a um adolescente que gosta de rock, que a música erudita é bela e o rock tem ruídos que atordoam? Nesse momento temos um impasse que responde à pergunta inicial, pois o senso estético da música para o ouvinte depende do que é belo e do que soa bem para o ouvido de quem ouve.

Alguns fatores essenciais podem determinar o senso estético desse ouvinte, iniciando-se na vida intrauterina e se desenvolvendo ao longo de suas experiências sonoras, havendo diferentes teorias analíticas e interpretativas desse processo ou fatores.

Desta forma, necessário se faz observar como as crianças percebem esse mundo musical, e atualmente o que a influencia no seu desenvolvimento global, bem como as mensagens que são passadas através das músicas e suas respectivas letras, as quais atualmente usam o erótico e o sexual como produto vendável dessas canções. É preciso entender como a educação musical pode contribuir para o desenvolvimento da criança e, como as letras dessas

músicas influenciam na sexualidade dessas, bem como em sua percepção musical e percepção de mundo.

O indivíduo expressa e produz as construções dos indicadores culturais através da música exposta para e pelas pessoas. Então, medem elementos da vida que refletem valores e representações que sempre estão sujeitos à manipulação social.

Corroborando com essa ideia FUKS (1991, p. 9) considera que:

Pensar a música que se faz no nosso país tem assim várias funções e vários efeitos. Tem a função econômica imediata, que interessa ao capital, aos mercadologistas, como os sindicatos, aos trabalhadores que “vivem de música”. Tem a função política, que hoje dificilmente se desliga desta primeira. A “política” da música está na mídia: mas também está nos governos, nos desenhadores de política cultural a produzir o estímulo à pesquisa e à criação do que não chega ao mercado. A política e o pensamento da música estão nas escolas, favorecendo os meios de continuidade cultural, as possibilidades de reconhecimento, crítica, e transformação estética, ética e política entre as gerações.

A partir dessas considerações, algumas questões são de grande relevância no que tange à educação musical na formação da criança e a educação sexual que vêm dessa música sugerida como consumo a todo tempo pelas diversas mídias e tecnologias de informações, permitindo que a música e suas letras eróticas possam ser determinantes no processo cognitivo, no desenvolvimento global e na aprendizagem da criança.

Para tanto, a presente pesquisa justifica-se como uma vertente que está diretamente ligada na vida das crianças e da sociedade em geral, e que a música pode ter um caráter formador e de desenvolvimento para as crianças em seus vários aspectos biopsicossociais, entre outros.

4) METODOLOGIA

Primeiramente foi realizado um levantamento bibliográfico, e em seguida partiu-se para a pesquisa qualitativa de campo, realizando entrevistas semiestruturadas com docentes do Ensino Infantil em Escolas Municipais de Ribeirão Preto, SP, usando a metodologia da pesquisa-ação, que permite levantar dificuldade e resolver os problemas com ações educativas, em conjunto com os participantes do estudo. (BUENO, 2001; 2009). Para tanto, foi realizada uma pesquisa piloto com uma professora que leciona para crianças na faixa etária dos 4 a 5 anos para, posteriormente, ser aplicada nas demais entrevistadas que se constituíram num total de sete, todas mulheres na faixa etária de 25 a 49 anos, religião predominante católica, pertencentes às camadas populares, ou seja, com um baixo capital econômico, cultural e social. Todas assinaram o termo de consentimento para que fosse possível iniciar a entrevista, com a plena consciência sobre o motivo da pesquisa e do sigilo pessoal, bem como da natureza voluntária desta participação.

Para Bauer e Gaskell (2002), “a compreensão dos mundos da vida dos entrevistados e de grupos sociais especificados é a condição *sinequa non* da entrevista qualitativa.” (p. 65). Eles ainda afirmam que essa compreensão pode contribuir para descrições detalhadas do meio social pesquisado e tornar-se base de dados para a construção de um referencial para novas pesquisas, além de trazer dados que testam expectativas e hipóteses que são desenvolvidas fora de uma teoria específica.

Como critério de seleção, foram entrevistadas apenas professoras do Ensino Infantil de Escolas Municipais (EMEF) do Município de Ribeirão Preto, atuando com crianças na faixa etária de 4 a 5 anos.

Primeiramente, foi solicitado autorização à Secretaria Municipal de Educação de Ribeirão Preto para que fossem realizadas as entrevistas em horário de funcionamento escolar. Em seguida, foram contatadas algumas escolas, de acordo com a relação emitida pela Secretaria da Educação, sendo realizada a pesquisa em cinco EMEFs, entrevistando uma ou duas professoras, da mesma escola.

As entrevistas foram gravadas e depois transcritas, mantendo as falas originais das professoras, preservando a imagem, ou seja, apenas gravando a voz da entrevistada. Quando havia alguma pergunta feita pela entrevistadora que não constava daquelas previstas para a entrevista, essa fala foi transcrita em cor vermelha para destacar das demais.

Após as transcrições, as respostas foram analisadas embasadas na teoria de Bourdieu e outros autores que corroboram com ideias semelhantes com o objetivo de compreender o significado da sexualidade através da Educação Musical formal ou informal no Ensino Infantil. Este trabalho é apresentado em cinco itens, sendo os dois primeiros teóricos e os três finais baseados nas análises e discussões dos dados obtidos.

Finalmente, conclui-se a presente pesquisa com sugestões de ideias inovadoras para futuras pesquisas e ações, que realmente poderão ser aplicadas na sociedade, trazendo possibilidades de intervenção para os profissionais atuantes, principalmente nas áreas da Educação.

4.1) EDUCAÇÃO SEXUAL E EDUCAÇÃO MUSICAL NA PERSPECTIVA DO REFERENCIAL TEÓRICO DE BOURDIEU

Quando foram iniciadas as leituras para a abordagem teórica, um dos objetivos era recuperar a questão da Educação Sexual e da Educação Musical e suas interconexões, para entender esses aspectos e como vinham se desenvolvendo na sociedade e principalmente junto à criança no meio escolar.

A teoria de Pierre Bourdieu possibilitou sustentar as reflexões acerca da Educação Sexual e da Educação Musical em alguns conceitos que são de fundamental importância para significar as características sociais que foram pesquisadas, como a influência da música para a Educação Sexual das crianças do Ensino Infantil.

É possível perceber o quanto alguns conceitos abordados por Bourdieu explicam comportamentos legitimados pela sociedade como o *habitus*, a *violência simbólica*, a *herança simbólica*, a *fração de classe*, que se constroem ao longo dos tempos como verdades absolutas e inconscientes.

A construção histórica de vida de cada criança tem sua trajetória marcada por condições materiais de existências materializadas na família através da cultura, dos valores, das crenças, das proibições, da fração de classe ao qual pertencem, enfim, o que determina seu modo de ser, agir, pensar, quer seja a sexualidade ou a música, pois essas também fazem parte da totalização do ser humano e constroem momentos decisivos para a formação educacional de cada um, direcionando padrões de comportamento.

Tratando todos os educandos, por mais desiguais que sejam eles de fato, como iguais em direitos e deveres, a escola é levada a dar sua sanção às desigualdades iniciais diante da cultura. (BOURDIEU, 1983, p.56)

A música pode ser um veículo nivelador da cultura das pessoas, pois diante do que foi observado na pesquisa, o funk, música considerada como sendo de classes menos favorecidas, é uma cultura propagada nas escolas, atingindo as crianças, porque em geral, a formação cultural, no quesito educação musical, ainda não é umas das maiores preocupações da escola, e, portanto, o poder midiático domina e imprime sua ditadura.

Bourdieu em seu livro Sociologia, no capítulo “Gostos de classe e estilos de vida” nos fala sobre esse estilo de vida que é particular para cada fração de classe.

O estilo de vida é um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou *hexiscorporal*, a mesma intenção expressiva, princípio da *unidade de estilo* que se entrega diretamente a intuição e que a análise destrói ao recortá-los em universos separados. (p.83-84).

Ele ainda nos explica que:

Parstotalis, cada dimensão do estilo de vida simboliza todas as outras; as oposições entre as classes se exprimem tanto no uso da fotografia ou na quantidade e qualidade das bebidas consumidas quanto nas preferências em matéria de pintura ou de música. (p.84)

Quando há um estudo aprofundado da música, um conhecimento além do mercado fonográfico, há um entendimento da história da música, das composições, e com isso, uma reflexão acerca da estética musical e da semiótica da canção, assim, portanto, uma consciência crítica e reflexiva sobre as composições musicais e seus reais significados.

Mas, para estudar música no Brasil há a necessidade de capital econômico, a que muitas vezes as famílias menos abastadas não conseguem ter acesso. É interessante ver o que diz Bourdieu sobre isso.

Estrutura estruturante que organiza as práticas e a percepção das práticas, o *habitus* é também estrutura estruturada: princípio de divisão de classes lógicas que organiza a percepção do mundo social é, por sua vez, o produto da incorporação da divisão de classes sociais. (2011, p. 164).

É, portanto, muito difícil as classes mais pobres conseguirem modificar essa estrutura de seu capital econômico e conseqüentemente, o seu capital cultural. Alguns programas culturais como “Projeto Guri”, são formas de reestruturar esse *habitus*, de trazer à tona percepção de outra realidade musical que não a da mídia, mas de fato são poucas as pessoas em situação econômica menos favorecida que realmente participam desses programas e se destacam no mundo comercial da música.

A escola tratando a todos com a mesma equidade tende a proteger melhor os privilegiados, para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, no âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1983, p. 55).

A qualidade de ensino é vista apenas pelo lado do conteúdo das ciências, sendo esquecido o conteúdo das emoções, e a música e a sexualidade trazem à tona essas emoções que não são relevantes para a sociedade na infância, porém, influenciam as mesmas e podem trazer conseqüências futuras em decisões de sua vida adulta, como por exemplo, quando as crianças cantam e dançam músicas que incentivam o sexo, possivelmente seu interesse sobre esse assunto poderá ser cada vez mais antecipado e com isso a iniciação sexual também.

Além disso, o meio em que vivem tem influência nessas emoções, o capital social e cultural herdado pela criança, vai de encontro com sua aprendizagem e certamente, com a formação de seus pensamentos e atitudes. Estas heranças sociais, mesmo que reestruturadas, como no caso dos projetos culturais que tentam trazer a cultura de outra fonte que não seja a familiar, acaba perdendo para o domínio midiático que resgata a todo o momento as nuances comportamentais ou o que Bourdieu chama de sotaque de classe. Não é a maioria das crianças que consegue participar de shows infantis, teatros, visitar museus e estar inserida no mundo cultural.

Bourdieu explica que:

Quando os poderes estão desigualmente distribuídos, em vez de se mostrar como um universo de possíveis igualmente acessíveis a todo o sujeito possível-postos a ocupar, estudos a fazer, mercados a conquistar, bens a consumir, propriedade a trocar, etc.-, o mundo econômico e social se apresenta como universo balizado, semeado por injunções e proibições, por signos de apropriação e exclusão, por sentidos obrigatórios ou barreiras intransponíveis, numa palavra, profundamente diferenciado, sobretudo conforme o grau em que propõe oportunidades estáveis e de molde a favorecer e a preencher expectativas estáveis. Sob suas diferentes espécies, o capital é um conjunto de direitos de preempção sobre o futuro; garante a alguns o monopólio de certos possíveis que, no entanto, encontram-se oficialmente garantidos a todos (como o direito à educação). (2007, p. 275).

As oportunidades não são iguais para todos; as frações de classe são distintas e cada um luta com as armas que tem. Existirão sempre os distanciamentos das possibilidades de ascensão econômica, mas ainda pior, o distanciamento da ascensão cultural, pois a massa se rende cada vez mais aos domínios da mídia e das políticas, ainda nos tempos de hoje, do “Pão e do Circo”, com espetáculos e programas televisivos que estipulam a música, a moda, o comportamento, como os programas de reality show e os espetáculos de arrecadação monetária para os menos favorecidos (Criança Esperança, Teleton, entre outros), e ainda contamos com a participação da classe artística que empobrece nossa música brasileira, tanto na qualidade musical quanto na qualidade semântica das canções.

A classe dominante é o lugar de uma luta pela hierarquia dos princípios de hierarquização: as frações dominantes, cujo poder assenta no capital econômico, têm em vista impor a legitimidade da sua dominação quer por meio da própria produção simbólica, quer por intermédio dos ideólogos conservadores os quais só verdadeiramente servem os interesses dos dominantes *por acréscimo*, ameaçando sempre desviar em seu proveito o poder de definição do mundo social que detêm por delegação; a fração dominada (letrados ou intelectuais e artistas, segundo a época) tende sempre a colocar o capital específico a que ela deve a sua posição, no topo da hierarquia dos princípios de hierarquização. (BOURDIEU, 1989, p. 12).

A humanidade está fadada ao eterno vínculo dominador-dominado, ao capitalismo selvagem que conduz a sociedade, a massa para os seus interesses hegemônicos. A Educação Musical e a Educação Sexual críticas e reflexivas estão à margem desses interesses e as oportunidades não são iguais, mas não se deve desistir dos ideais, e mesmo timidamente, ir

propagando a música de qualidade, a consciência da sexualidade e do sexo emancipador e com responsabilidade.

5) REVISÃO DA LITERATURA

“Se o sexo traz consigo tantos perigos, foi por ter estado durante muito tempo reduzido ao silêncio”.
Michel Foucault

5.1) A História da Sexualidade no Brasil e a História da MPB: trajetórias e ligações a partir da década de 1960.

A década de 1960 é marcada pela Revolução Sexual a qual traz alguns conceitos de liberdade como amor livre, principalmente a partir da invenção da pílula anticoncepciva. O ponto de partida para entender a história da sexualidade e suas relações com a história da música será a partir desse momento histórico.

Chega de Saudade (1958) **João Gilberto e Tom Jobim**

Vai minha tristeza e diz a ela
 Que sem ela não pode ser
 Diz-lhe numa prece que ela regresse
 Porque eu não posso mais sofrer
 Chega de saudade,
 A realidade é que sem ela não há paz,
 Não há beleza, é só tristeza
 e a melancolia que não sai de mim
 Não sai de mim, não sai

Mas se ela voltar, se ela voltar,
 Que coisa linda, que coisa louca
 Pois há menos peixinhos a nadar no mar
 Do que os beijinhos que eu darei na sua boca

Dentro dos meus braços os abraços
 hão de ser milhões de abraços
 Apertado assim, calado assim, colado assim
 Abraços e beijinhos e carinhos sem ter fim
 Que é pra acabar com esse negócio
 de você viver sem mim

A música citada foi o marco da Bossa Nova na década de 1960, no Brasil. Através desse recorte histórico, é que será abordada a história da MPB e a história da sexualidade no nosso país, suas possíveis ligações, sendo essas vertentes complementares no ponto de vista em que fazem parte da vida de todo ser humano, desde sua concepção.

Assim como a sexualidade, a música acompanha o ser humano antes de seu nascimento, fazendo parte da constituição do sujeito. É possível compreender que a música pode ser uma das saídas para o homem contemporâneo que vive nesta sociedade conturbada, pois a análise social científica toma esses aspectos internos da música e os correlaciona a padrões externos de recepção e produção, sendo um meio de representação simbólica, sugerindo, pois, uma fonte útil de dados sociais (LUDKE & ANDRÉ, 1986).

Pode-se notar que a música espelha o mundo social, atual ou passado, que o indivíduo produz as construções desses indicadores culturais, através da música exposta pelas pessoas. Medem elementos da vida que refletem valores e representações que sempre estão sujeitos à manipulação social (BAUER E GASKELL, 2000).

Pensando na sexualidade, a música pode transportar diversas formas de emoções e situações. Acerca do processo de sublimação, a arte é entendida como uma energia sexual primitiva, em transformação; por vez, a música é considerada como uma espécie de gratificação libidinal. Aumenta também, o prazer narcísico, como uma autêntica gratificação da libido; portanto, a música e o ritmo são meios de descargas; o ritmo estável conduz a um alívio gradativo de tensão sexual. Sua estrutura é considerada como uma espécie de transformação de desejos latentes, a transformação na música é feita no inconsciente enquanto o pré-consciente determina a forma final; as diversas experiências, os impulsos e os desejos são representados pelo som. As representações tonais penetram no pré-consciente onde são submetidas a uma elaboração final. (RUUD, 1990).

Retomando então, a música que abre este item, a Bossa Nova, do ponto de vista musical, tem como seu precursor, o músico e compositor João Gilberto, que no violão toca de maneira sincopada, acentuando os contratempos, utilizando acordes dissonantes de passagem. Também influenciando esse gênero musical, temos o jazz americano trazida por Johnny Alf, que misturava samba e jazz, o que influenciou diretamente João Gilberto, Tom Jobim, Newton Mendonça, entre tantos outros artistas dessa época, mas que queriam romper com os modelos internacionais americanizados e propor uma linguagem musical brasileira.

Acontece, nesse momento histórico, “uma reviravolta musical que atestava a maturidade da linguagem surgida nos terreiros no início do século XIX e a importância da formação cultural e social do Brasil”. (Tatit, Luiz, 2004 p. 49). Sendo assim, do ponto de vista

social, a Bossa Nova significava a expansão do samba dentro da classe média, a realização de um samba mais refinado, em diversos níveis.

Ainda, nos dias atuais, a música se coloca dividida também por classes sociais e por um sistema de dominação, apesar da liberdade de expressão. É importante destacar como um ponto de vista norteador, o teórico Pierre Bourdieu, afirmando que os valores e significados arbitrários que impõe uma cultura legítima, são alicerçados pelas classes dominantes (BOURDIEU, 2002).

Para tanto, de acordo com Bourdieu, pode-se considerar que o movimento da Bossa Nova foi uma imposição da classe média mais elitizada que dominava as demais classes sociais e que queriam contrapor a cultura internacional e a censura do militarismo.

Corroborando com essa ideia, Bourdieu relata que:

O artista ainda está de acordo com o “burguês” neste ponto: prefere “ingenuidade” a “pretensão”. O “povo” tem o mérito essencial de ignorar as pretensões em relação à arte (ou ao poder) que inspiram ambições do “pequeno-burguês”; sua indiferença contém o reconhecimento tácito do monopólio. (2011, p. 62).

É a primeira vez que há figuras consagradas da elite brasileira, como Tom Jobim, com uma formação erudita, como Vinícius de Moraes, poeta e diplomata, entre outros. (TATIT, 2004 p. 51). Interligando aqui a história da sexualidade no Brasil, nesse mesmo período, há ainda a visão do início do século XIX, médico-higienista da sexualidade, além das imposições da igreja católica, que traz para a sociedade a confissão e o sexo apenas no casamento heterossexual, com a finalidade da procriação. Ribeiro (2004) ainda explica que:

A institucionalização do conhecimento sexual no Brasil ocorreu a partir do final do século XIX e principalmente, nas primeiras décadas do século XX, quando médicos e, posteriormente educadores, elaboraram e desenvolveram ou se apropriaram de teorias e ideias que foram consideradas científicas e capazes de dar sustentação àquelas instituições que necessitavam de um discurso oficial, para atingir seus objetivos de fazer ciência, propondo ações educacionais ou práticas pedagógicas e resolver problemas de saúde pública, em alguns casos para justificar ideologias e exercer o poder. É a partir deste período, que questões ligadas à sexualidade, começaram a ter lugar importante no discurso médico-educacional. (p.28).

Assim como a música, a sexualidade tentava construir sua identidade, , principalmente a feminina, que se alicerçava na revolução sexual, também conhecida como uma época de liberação sexual. Foi uma perspectiva social que desafiou os códigos tradicionais de comportamentos relacionados à sexualidade humana e aos relacionamentos interpessoais.

Pode-se destacar, dentre outros comportamentos, o uso da pílula anticoncepcional como um aspecto dessa revolução sexual, que foi benéfica para a liberdade sexual da mulher na tentativa da negociação do sexo seguro. (BUENO, 2009). A partir daí, as pessoas puderam praticar sexo independente da procriação, e ter o poder de decisão quando houvesse o desejo de ter filhos. Desta forma, nas capitais e nos meios estudantis, os jovens escapavam da moral e dos costumes das famílias e, aos poucos, a música também retratava essa liberdade nas letras das canções da MPB, tal como retrata a música Garota de Ipanema, de Vinícius de Moraes e Tom Jobim, composta em 1962, desvelando a mulher e seu corpo, explicitando um pouco mais, a sensualidade feminina.

Garota de Ipanema (1962)
Tom Jobim e Vinícius de Moraes

Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça
É ela menina que vem e que passa
Num doce balanço a caminho do mar

Moça do corpo dourado do sol de Ipanema
O seu balançado é mais que um poema
É a coisa mais linda que eu já vi passar...

Em 1964, com o Golpe Militar, entra em cena a censura e juntamente com esse momento de fechamento parcial político e repressivo, nasciam as músicas de protesto e os festivais da canção produzidos pelas principais emissoras de TV, na segunda metade dos anos 60. É uma nova geração de artistas e uma reestruturação da música popular brasileira.

Com o movimento de contracultura, no final dessa década, há uma radicalização da música brasileira do ponto de vista estético, e esse reflexo da contracultura, persegue a modernidade a partir da internacionalização dos valores culturais. É o tropicalismo, que mescla o folclórico, o ultrapassado e o subdesenvolvido, com as novas tendências mundiais, sobretudo o rock, tendo como grande referência, os Beatles.

Assim como afirma Tatit (2004, p.55):

Os festivais eram agentes de transformação rápida das posições, que representavam forças internas da emissora e forças política-culturais que, nos anos de 1967 e 1968, foram atingindo um grau de tensão insustentável. A “alienação” do grupo da jovem guarda favorecia o desenvolvimento de uma poderosa indústria cultural...

É o momento de destaque da indústria fonográfica, dos festivais e que de alguma forma, a música de protesto vai descrevendo a sociedade vigente, a ditadura e suas marcas, como expressa na música a seguir.

Panis et circenses – Caetano Veloso, Gilberto Gil (1968)

Eu quis cantar
 Minha canção iluminada de sol
 Soltei os panos, sobre os mastros no ar
 Soltei os tigres e os leões, nos quintais
 Mas as pessoas na sala de jantar
 São ocupadas em nascer e morrer
 Mandei fazer
 De puro aço, luminoso um punhal
 Para matar o meu amor, e matei
 Às cinco horas, na Avenida Central
 Mas, as pessoas na sala de jantar
 São ocupadas em nascer e morrer
 Mandei plantar
 Folhas de sonho no jardim do solar
 As folhas sabem procurar pelo sol
 E as raízes procurar, procurar
 Mas, as pessoas na sala de jantar
 Essas pessoas da sala de jantar
 São as pessoas da sala de jantar
 Mas, as pessoas na sala de jantar
 São ocupadas em nascer e em morrer.

Assim como o movimento tropicalista, o movimento hippie, que atingiu o Brasil entre outros países, também contribui para um novo olhar sobre a sexualidade da sociedade, embora ainda muito reprimida como nos afirma Foucault (1988), a sexualidade é um conjunto de saberes que vêm desde o final do século XVIII, na era Vitoriana, onde a repressão dessa sexualidade foi se desenvolvendo entre o poder e o saber. Para liberá-la, seria necessário transgredir as leis, que são condicionadas, politicamente. “Se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e de sua repressão, possui como que um ar de transgressão deliberada” (p.12). Esse mesmo caminho é seguido pela música, que fala sobre sexo e sexualidade, às vezes discretamente, e com o

passar dos anos, mais declaradamente, como nos indica a música Ando Meio Desligado, dos Mutantes, na época da tropicália.

Ando Meio Desligado- Os Mutantes (1970)

Ando meio desligado
 Eu nem sinto meus pés no chão
 Olho e não vejo nada
 Eu só penso se você me quer
 Eu nem vejo a hora de lhe dizer
 Aquilo tudo que eu decorei
 E depois, o beijo que eu já sonhei
 Você vai sentir, mas...
 Por favor, não leve a mal
 Eu só quero que você me queira
 Não leve a mal.

Percebe-se na música ainda certa reserva e principalmente um moralismo, sendo entendida essa característica fundamentalmente pelo fato da sociedade brasileira ser estruturada no Cristianismo, que prega a virgindade, o sexo para procriação, além de muitos outros conceitos, como a dominação masculina que está arraigada e que são transmitidos através de uma educação sexual informal. Ribeiro (2004) afirma que a Educação Sexual retrata processos culturais contínuos que ocorrem desde o nascimento, direcionando os indivíduos para expressarem atitudes e comportamentos ligados às manifestações de sua sexualidade. O autor destaca que essa educação é dada pela família, escola, bairro, amigos, televisão, jornais, revistas, sendo que a própria sociedade determina os padrões sexuais de cada época, que serão levados adiante para as futuras gerações.

A música retrata muito claramente esses fatores sociais que estão implícitos no cotidiano, assim como o papel da mulher e do homem, na letra de Luiz Melodia em sua música Juventude Transviada (1976), podendo ser exemplo desses papéis sociais demarcados.

Lava roupa todo dia, que agonia
 Na quebrada da soleira, que chovia
 Até sonhar de madrugada, uma moça sem mancada
 Uma mulher não deve vacilar
 Eu entendo a juventude transviada
 E o auxílio luxuoso de um pandeiro
 Até sonhar de madrugada, uma moça sem mancada
 Uma mulher não deve vacilar...

Para Bourdieu (2002), a divisão entre os sexos está incorporada no *habitus* dos agentes, como se existisse uma concordância no que se pensa, no que se fala de forma natural, dentro das estruturas sociais. É o elo entre as estruturas objetivas e cognitivas, entre a conformação do ser e as formas do conhecer; é uma experiência que apreende o mundo social e suas arbitrárias divisões, como nas divisões dos sexos, construídas, socialmente. (p.8). A dominação masculina é legitimada por uma questão biológica, que por sua vez, é uma construção social naturalizada. (p.16).

Bourdieu esclarece:

O *hábitus* integra o conjunto dos efeitos das determinações impostas pelas condições materiais de existência (cuja eficácia se encontra cada vez mais subordinada no tempo). Ele é a *classe incorporada* – incluindo propriedades biológicas, socialmente, modeladas, tais como o sexo ou a idade e, em todos os casos de deslocamento intergeracional ou intrageracional, distingue-se (em seus efeitos) da *classe objetivada* em determinado momento (sob a forma de propriedades, diplomas, etc), no sentido em que ele perpetua um estado diferente das condições materiais de existência, aquelas de que ele é o produto e, neste caso, diferem mais ou menos das condições de sua atualização. (2011, p.410).

Uma destas condições materiais de existência pode ser evidenciada no machismo incorporado tanto pelo homem quanto pela mulher, e que se perpetua, embora com algumas atualizações, de acordo com o tempo. Faour (2011) endossa esse machismo ou dominação masculina quando escreve que até mesmo o rock dos anos 60 era machista, centrado na figura masculina (p.107) e para confirmar esse machismo, temos um dos maiores sucessos de Eduardo Araújo, “Ele é o Bom” (1967), um dos artistas da jovem-guarda que trazia um comportamento jovem induzido através da moda e do consumo.

Ele é o bom, é o bom, é o bom
 Ele é o bom, é o bom, é o bom
 Meu carro é vermelho
 Não uso espelho pra me pentear
 Botinha sem meia
 E só na areia eu sei trabalhar
 Cabelo na testa sou o dono da festa
 Pertença aos Dez Mais
 Se você quiser experimentar
 Sei que vai gostar
 Quando eu apareço, o comentário é geral
 - Ele é o bom, é o bom demais
 Ter muitas garotas para mim é normal
 Eu sou o bom, entre os Dez Mais.

Contemplando ainda a ideia de dominação de poder, Tinhorão afirma que a música de consumo internacional, produzida pelas multinacionais do disco e o tropicalismo serviu para desorganizar de vez o quadro cultural ao nível universitário, e a alienação voltou sob o império do rock. O iê-iê-iê do Roberto Carlos e todos seus seguidores eram dirigidos às camadas mais populares, através da diluição comercial. (TINHORÃO, 1998 p. 34; p.336).

“É proibido proibir”, uma frase importada da França, em 1968, nos remetendo novamente à repressão da sexualidade, da expressão, da voz do povo, além, é claro, da dominação pela minoria elitizada, mas aos poucos com a música, de alguma maneira, todas essas questões vinham à tona como se pode ver na canção abaixo.

É Proibido Fumar- Roberto Carlos (1964)

É proibido fumar
 Diz o aviso que eu li
 É proibido fumar
 Pois o fogo pode pegar
 Mas nem adianta o aviso olhar
 Pois a brasa que agora eu vou mandar
 Nem bombeiro pode apagar
 Nem bombeiro pode apagar
 Eu pego uma garota e canto uma canção
 E nela dou um beijo com empolgação
 Do beijo sai faísca e a turma toda grita
 Que o fogo pode pegar
 Nem bombeiro pode apagar
 O beijo que eu dei nela assim
 Nem bombeiro pode apagar
 Garota pegou fogo em mim
 Sigo incendiando, bem contente e feliz
 Nunca respeitando o aviso que diz
 Que é proibido fumar
 Que é proibido fumar...

É possível perceber uma contradição na música, que está presente na sociedade. “Mas nem adianta o aviso olhar; Pois a brasa que agora eu vou mandar; Nem bombeiro pode apagar”, ou seja, ao mesmo tempo em que reprime, libera, porém, ainda com muitas ressalvas, principalmente nas questões da sexualidade feminina, porque a todo o momento temos a exacerbação do poder masculino, do poder do falo, e a limitação ou até mesmo a proibição do gozo feminino, o que se explicita na frase: “Sigo incendiando, bem contente e feliz; Nunca respeitando o aviso que diz”. Mesmo com o movimento feminista para a libertação sexual da mulher, no entanto, em muitas letras de músicas, as mulheres são descritas como “Amélias”,

donas de casa, dominadas pelo homem, ou então, no caso das mulatas, como são cantadas em muitas marchinhas de carnaval. Traz a mulher desejada, sensual, um traço ainda do poder dos senhores de escravos, como exemplo na canção *Mulata iêiêiê* (1964) de João Roberto Kelly, gravada em 1965, que lembra a vitória de Vera Lúcia Couto, uma mulata do Clube Renascença eleita Miss Guanabara, em 1964 (FAOUR, 2011, p.120):

Mulata bossa nova
Caiu no hullygully
E só dá ela
iêiêiêiêiêiê
Na passarela
A boneca está
Cheia de fiufiu
Esnobando as louras
E as morenas do Brasil

Apesar do movimento de globalização, uma nova cultura mais aberta em relação à sexualidade no Brasil, de acordo com Stearns, na década de 1970, mesmo com a expansão do sexo pré-marital, ainda existia uma desaprovação pública dessas mudanças. (2010, p. 227, 255). Há de se revelar, mais uma vez, a dominação de classe, no caso do Brasil, com os negros, mulatos e a dominação masculina, trazendo para o corpo feminino, principalmente às mulatas, o corpo como objeto de desejo.

No que diz respeito à homossexualidade, o movimento gay também é outro aspecto da revolução sexual, assim como afirma Garton (2009), em seu livro *História da Sexualidade: da antiguidade à revolução sexual*.

Os movimentos radicais das décadas de sessenta e setenta do século XX, deram um ímpeto adicional à história social da sexualidade. Os movimentos pelos direitos civis, pela revolução sexual, contra a psiquiatria, o ativismo estudantil e prisional e - os mais importantes para a sexualidade - os movimentos feminista e de libertação *gay* foram cruciais para o crescimento do interesse pela história da sexualidade. (p.28)

Acredita-se que a homossexualidade no Brasil se popularizou pelos seus colonizadores e era também uma prática comum entre os escravos que serviam seus senhores (FAOUR, 2011 p. 363). A importância da classificação do feminino e do masculino bem definido, pode

ser encontrada em algumas das letras das marchinhas de carnaval, sempre mostrando sátiras com os homossexuais, como identificamos a seguir:

Cabeleira do Zéze – João Roberto Kelly/Roberto Faissal–(1964)

Olha a cabeleira do zezé!
Será que ele é?!
Será que ele é?!

Será que ele é bossa nova?
Será que ele é Maomé?
Parece que é transviado,
Mas isso eu não sei se ele é.
Corta o cabelo dele!
Corta o cabelo dele!

Estes momentos em que a repressão sexual consegue ser disfarçada ou esquecida, como na época do carnaval, no Brasil, que foi e ainda continua sendo um momento de liberação sexual do “tudo pode”, são essenciais para a vivência da sexualidade em sua plenitude, onde homem vira mulher, as fantasias dão vazão ao prazer e à diversão sem compromisso.

Muitos artistas assumiram, a partir dos anos de 1970, sua homossexualidade. Mas, Ney Matogrosso quebra todos os protocolos com seu visual exótico, no grupo Secos & Molhados, a cara pintada, fantasias, a voz aguda, danças reboativas conforme nos conta Faour (p.285), quando o cantor agitava os shows com todos cantando “O vira” (1973):

Vira! Vira! Vira!
Vira! Vira!
Vira Homem
Vira! Vira!
Vira! Vira! Lobisomem

Tantos fatores de mudanças estavam disseminados, principalmente com o vírus tropicalista que influenciou nas décadas seguintes. (TATIT, 2004)

Iniciando a década de 1980, o fator determinante para o controle repressivo e preconceituoso da sexualidade se deu pelo advento da AIDS, que declarava as práticas sexuais, principalmente dos homossexuais e usuários de drogas ilícitas, como declara Chauí, (1984) afirmando haver um pânico sexista em torno da AIDS, como “doença homossexual”, sendo classificada como uma patologia médica no CID10 (Classificação Internacional de

Doenças), nessa época e ao longo dos anos, transformando-se em uma condição inerente ao ser humano.

No final dessa década há a força do Neoliberalismo, que foi adotado abertamente nos dois governos consecutivos do presidente Fernando Henrique Cardoso, havendo várias privatizações de empresas estatais, arrecadando-se muito dinheiro para manter a cotação da nova moeda brasileira, o Real, equivalente à do dólar.

Na MPB, o rock nacional está em alta e líderes desses grupos como Cazuza – Barão Vermelho, e Renato Russo – Legião Urbana, assumiam a bissexualidade e continuavam com letras de músicas descrevendo as questões de preconceito arraigado na sociedade e da homofobia latente.

Meninos e Meninas – Legião Urbana (1989)

Quero me encontrar, mas não sei onde estou
 Vem comigo procurar algum lugar mais calmo
 Longe dessa confusão e dessa gente que não se respeita
 Tenho quase certeza que eu não sou daqui

Acho que gosto de São Paulo
 Gosto de São João
 Gosto de São Francisco e São Sebastião
 E eu gosto de meninos e meninas

O tempo não para – Barão Vermelho (1988)

Disparo contra o sol
 Sou forte, sou por acaso
 Minha metralhadora cheia de mágoas
 Eu sou um cara
 Cansado de correr
 Na direção contrária
 Sem pódio de chegada ou beijo de namorada
 Eu sou mais um cara
 Mas se você achar
 Que eu tô derrotado
 Saiba que ainda estão rolando os dados
 Porque o tempo, o tempo não para
 Dias sim, dias não
 Eu vou sobrevivendo sem um arranhão
 Da caridade de quem me detesta
 A tua piscina tá cheia de ratos
 Tuas ideias não correspondem aos fatos
 O tempo não para
 Eu vejo o futuro repetir o passado
 Eu vejo um museu de grandes novidades
 O tempo não para
 Não para, não, não para

Eu não tenho data pra comemorar
 Às vezes os meus dias são de par em par
 Procurando agulha num palheiro
 Nas noites de frio é melhor nem nascer
 Nas de calor, se escolhe: é matar ou morrer
 E assim nos tornamos brasileiros
 Te chamam de ladrão, de bicha, maconheiro
 Transformam o país inteiro num puteiro
 Pois assim se ganha mais dinheiro.

Ainda como reflexo da década anterior, a música de protesto contra o Estado e suas transgressões eram marcas das bandas de rock nacional, que tentavam politizar a juventude através de letras que incitavam a consciência das arbitrariedades que são encontradas até hoje, no Congresso Nacional brasileiro.

Que país é esse – Legião Urbana
(composta 1978 e lançada em 1987)

Nas favelas, no Senado
 Sujeira pra todo lado
 Ninguém respeita a Constituição
 Mas todos acreditam no futuro da nação
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 No Amazonas, no Araguaia iá, iá,
 Na baixada fluminense
 Mato grosso, Minas Gerais e no
 Nordeste tudo em paz
 Na morte o meu descanso, mas o
 Sangue anda solto
 Manchando os papéis e documentos fiéis
 Ao descanso do patrão
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Que país é esse?
 Terceiro mundo, se foi
 Piada no exterior
 Mas o Brasil vai ficar rico
 Vamos faturar um milhão
 Quando vendermos todas as almas
 Dos nossos índios num leilão. Que país é esse?

No final dos anos de 1980, há uma fusão de MPB com a música pop internacional através de nomes como Eduardo Duzek, Marina Lima, Lulu Santos, Ritchie, RPM, Ultraje a Rigor, Titãs e que, nos anos de 1990, acaba vindo à tona grupos cantando em inglês, abrindo perspectivas de sucesso internacional para muitas bandas de rock brasileiro.

O rock busca esse grito, fazendo o jovem refletir sobre seus valores (família, sexo, drogas, amor) contribuindo para a formação de um homem mais livre, conhecedor de si, com mais consistência para encarar as questões políticas, os seus próprios fantasmas, com os limites impostos pela sociedade e pela moral que durante séculos impõem suas condições de vida. Assim, o rock era o etilo musical de maior sucesso no Brasil, porém, a partir de inícios dos anos 80 em Salvador, surge, segundo Tinhorão:

As novidades da lambada, do deboche, do ti-ti-ti (com movimentos do corpo imitando danças de índios americanos), da dança da galinha e, finalmente, em 1988, da dança do pezinho ou dança do macaco, com influência do twist. (1998, p. 364)

Portanto, inicia-se uma forma musical que traz a dança como a principal venda do corpo e da própria música, vista apenas como um produto sem conteúdo político, como no rock. Tinhorão ainda destaca que:

Apesar de descartável, porém, essa música vinha desempenhar um papel a serviço da indústria de consumo, ao abafar com a estridência de sua amplificação elétrica, os sons dos cantos e o ritmo de percussão dos grupos afro-baianos dos afoxés tradicionais dos Carnavais de Salvador (p. 365)

Iniciam-se, então, além de letras mais ousadas com cunho sexual explícito, as danças também mais sensuais que libertam de vez a repressão sexual contida na sociedade brasileira e envolvem crianças, jovens, adultos, sem o menor pudor, todos cantando, dançando e libertando o sexo e a sexualidade através do binômio em conformidade música/dança.

Para Almeida e Pucci (2003, p. 8), “a música é uma ferramenta mágica, e mais abstrata e de maior sentido coletivo, que permite o desenvolvimento interno e a qualificação humana”. Para as autoras, conhecer as diferenças sonoras de outras terras nos faz respeitar e aceitar as diferenças, o senso crítico e o sentido de pertencimento.

Deveras, muitos ritmos brasileiros trazem à tona o sexo e a sexualidade, principalmente através da dança, como o lundu, o maxixe, o samba, o forró, o baião e

atualmente o funk, que desde o século XX até o início do século XXI ainda gera repúdio, assim como a turma da Jovem Guarda e o rock brasileiro dos anos 80, que apresentam letras muito ousadas. (FAOUR, 2011, p.265)

Cerol na Mão – Bonde do Tigrão (2001)

Quer dançar, quer dançar
 O Tigrão vai te ensinar
 Eu vou passar cerol na mão, assim, assim
 Vou cortar você na mão, vou sim, vou sim
 Vou aparar pela rabiola, assim, assim
 E vou trazer você pra mim, vou sim, vou sim
 Eu vou cortar você na mão
 Vou mostrar que eu sou tigrão
 Vou te dar muita pressão
 Então martela, martela, martela o martelão
 Levante a mãozinha, na palma da mão
 É o Bonde do Tigrão...

Bola de Fogo -Atoladinha

Tati Quebra Barraco (2004)

pirimpiririm
 alguém ligou pra mim
 alô quem é?
 sou eu bola de fogo,
 e o calor tá de matar
 vai à praia da barra,
 que uma moda vou lançar
 vai me enterrar na areia?
 não, não,
 vou atolar,
 vai me enterrar na areia?
 não, não, vou atolar, tô ficando atoladinha, tô ficando atoladinha.....calma calma foguetinh

Não há mais repressão, há uma banalização da sexualidade, principalmente nessa fração de classe que consome o funk, esse funk atual que fala de sexo grupal, homossexualidade, posições sexuais, tamanho dos órgãos genitais, doenças venéreas, entre tantos assuntos conforme descreve Faour (2003, p. 271).

A Foda Tá Liberada - Gaiola Das Popozudas (2013)

Acenda a luz vermelha...
 Hoje aqui, whisky, energético, champagne e o melhor de tudo:
 "A Foda Tá Liberada"
 Ei, ei, ei, ei, ei
 A foda tá liberada
 Aqui no baile funk
 O DJ tá tocando
 E começa a cachorrada
 Chama ele, chama ela, chama o Rei da madrugada...
 Acenda a luz vermelha
 Que eu te mostro uma parada
 Amiga com amiga
 Amante com a namorada...

É possível esclarecer esta forma deliberada de expor o sexo, como uma forma de repressão excessiva, assim como afirma Garton (2009):

A «repressão excessiva» do vitorianismo sugere Marcus, conduziu o sexo à clandestinidade, alimentando a indústria pornográfica. Por isso, repressão e pornografia estão integralmente ligadas. (p.23).

Bourdieu (2002, p.7 e 8) afirma que a construção da sexualidade encontra-se na realização do erotismo, assim descrevendo:

A constituição da sexualidade enquanto tal (que encontra sua realização no erotismo) nos fez perder o senso da cosmologia sexualizada, que se enraíza em uma topologia sexual do corpo socializado, de seus movimentos e de seus deslocamentos, imediatamente revestidos de significação social – o movimento para o alto sendo, por exemplo, associado ao masculino, como a ereção ou a posição superior no ato sexual.

Portanto, mesmo com toda esta liberdade de expressão que vem se desenvolvendo através das letras das músicas brasileiras, vive-se ainda num momento repressivo tanto da sexualidade, quanto da música de consumo, cujo tema em destaque é a sexualidade. Tem-se ainda, como consequência dessa repressão e dominação, a educação meritocrática que massacra a classe dominada, e essa, por sua vez, tenta se expressar e ter voz ativa. O capital cultural que herdou no sistema vigente de dominador e dominado, traz à margem da sociedade canções que não têm nenhuma qualidade musical e muito menos qualidade de reflexão a respeito de si e dos reais valores para serem cidadãos críticos e donos de seus destinos.

Poderiam aqui ter sido mencionados tantos outros artistas da MPB que traduzem a sexualidade de várias formas, no amor romântico, na submissão da mulher, na pornografia, na ambiguidade, mas o que se percebe de todos esses contextos até aqui abordados, é o quanto

remetem à marca da cultura, dos pensamentos, dos comportamentos de toda sociedade brasileira, que até hoje carrega consigo marcas dessa história de repressão e de imposições que determinaram por muitas décadas, e ainda podemos dizer que determinam muitos pontos que estão velados e obscuros na reflexão emancipadora da sexualidade e da musicalidade de brasileiros e brasileiras.

“O paraíso mora dentro de uma caixa de brinquedos” (Rubem Alves)

5.2) Canções Populares Infantis, Cantigas de Roda: questões de gênero contidas nas letras das músicas e seus conceitos que abarcam a sexualidade.

Mesmo com toda essa teia entre sexualidade e música desde a década de 1960 até nos dias atuais, a música infantil, as cantigas de roda, perpassam no tempo, estando presentes na educação infantil, o que obriga a tentar dar um foco especial para se entender suas implicações e influências nas crianças e sua formação.

Ciranda, cirandinha,
Vamos todos cirandar!
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar.

As cantigas de roda ou cantigas populares são transmitidas verbalmente de geração a geração; são formas inteligentes que a sabedoria humana inventou para preparar o jovem para a vida adulta. Tratam de temas extremamente complexos e belos; falam de amor, de disputa, de trabalho, de tristezas, de relacionamentos e de tudo que a criança enfrentará no futuro. São experiências de vida que nem mesmo os brinquedos eletrônicos mais sofisticados poderão proporcionar.

As cantigas de roda são de extrema importância para a cultura de um local. Através dela dá-se a conhecer costumes, cotidiano das pessoas, festas típicas do local, comidas, brincadeiras, paisagem, flora, fauna, crenças, dentre muitas outras coisas. (<http://www.infoescola.com/folclore/cantigas-de-roda/>)

A música acompanha cada homem desde antes de seu nascimento até o momento em que morre. É utilizada como elemento de expressão individual e coletiva e se insere em quase todas as suas atividades existenciais (BENEZON, 1988).

Assim como a música, a sexualidade é um tema presente desde o nascimento, conforme afirma Maia (2005):

A sexualidade é um tema presente em nossa vida, desde o nascimento. Nossa formação, isto é, nossos sentimentos e ações em relação à nossa vida sexual advêm de um aprendizado constante, que inclui valores e concepções sociais e históricas. Cada sociedade e cultura pauta-se em valores, modos de vida e conjuntos de regras que culminam numa concepção de “normalidade”. O mesmo vale com relação às questões da sexualidade. (p.47)

Para tanto, serão descritas algumas canções populares tentando estabelecer possíveis relações com as crianças, a sexualidade, as questões de gênero entre outros aspectos que a música apresenta, conceitos sobre a temática e sua possível educação sexual.

Pombinha branca o que está fazendo
 Lavando roupa pro casamento
 Vou me lavar, vou me secar
 Vou pra janela, pra namorar
 Passou um moço, de terno branco,
 Chapéu de lado, meu namorado
 Mandeí entrar, mandeí sentar
 Cuspiu no chão, limpa aí seu porcalhão

Percebe-se nessa canção, que o gênero feminino, a pombinha branca, está fazendo serviços domésticos que faz dela uma dona de casa pronta para casar com o moço de terno e chapéu, mas o mesmo não tem bons modos e cospe no chão.

Partindo de alguns pressupostos dos papéis sociais que estão diretamente ligados com a questão de gênero, temos na visão de Bourdieu, que a divisão dos sexos está na “ordem das coisas” como, por exemplo, na casa as coisas são todas sexuadas, corroborando com a ideia da canção acima descrita, que coloca os serviços domésticos para o gênero feminino. A criança que canta e ouve essa canção se identificará nesse mesmo papel na sociedade enquanto menina, e o menino no papel de homem porcalhão.

Destarte, Bourdieu (2002), como mencionado anteriormente, explica que o conceito do *habitus* está em todo meio social incorporado nos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e ação (p.8). Para tanto, identifica-se na música acima citada alguns conceitos desse *habitus* no momento da divisão dos papéis da menina ou do gênero feminino. No caso da música, a pombinha branca que está pronta para o casamento e

do referido moço de terno branco, ou seja, o gênero masculino que cospe no chão como um porcalhão, acaba ratificando assim, as formas legitimadas de cada gênero na sociedade.

Confirmando esta ideia, tem-se mais uma canção popular infantil que realça o papel da mulher preparada para o casamento e os afazeres domésticos.

Sapo Cururu na beira do rio
Quando o sapo grita, ó Maninha, diz que está com frio
A mulher do sapo, é quem está lá dentro
Fazendo rendinha, ó Maninha, pro seu casamento.

É a ordem social que funciona como uma máquina simbólica comprovando a dominação masculina em que está enraizada, sendo a divisão social do trabalho bem distinta entre os dois sexos, o masculino no mercado de trabalho fora de casa e o feminino no interior dessa. (BOURDIEU, 2002 p. 9).

Este papel masculino do homem forte que vai à luta pode ser caracterizado na canção Marcha Soldado, que dita uma ordem e regra dos quartéis e a rigidez que é colocada para os meninos desde a infância, como em algumas falas de que homem não chora, por exemplo.

Marcha soldado
cabeça de papel!
Quem não marchar direito
vai preso pro quartel.
O quartel pegou fogo
a policia deu o sinal
acode, acode, acode a bandeira nacional.

Temos também, em algumas canções, os padrões sociais que ditam a vestimenta dos sexos, como na música, a seguir:

A Galinha Pintadinha
e o Galo Carijó
a galinha usa saia
e o galo paletó

Para Foucault (1988), a “pedagogização do sexo” da criança está cercada de rígidas e perversas estratégias com o objetivo de disciplinar a sexualidade infantil.

Dupla afirmação, de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza”, traz consigo, perigos físicos e morais, coletivos e individuais; as crianças são definidas como seres sexuais “liminares”, ao mesmo tempo, aquém e já no sexo, sobre uma perigosa linha de

demarcação; os pais, as famílias, os educadores, os médicos e, mais tarde, os psicólogos, todos devem se encarregar, continuamente, desse germe sexual precioso e arriscado, perigoso e em perigo; essa pedagogização se manifestou, sobretudo, na guerra contra o onanismo, que durou quase dois séculos (p. 115).

Sendo assim, as canções populares também trazem sua contribuição a respeito dessa educação do sexo desde a infância, tendo uma função importante para o desenvolvimento biopsicossocial da criança.

A música desempenha, portanto, vários papéis na sociedade, tais como o papel educativo, recreativo, relaxante, político, estético, entre outros, que estão inseridos desde a gestação, o que posteriormente, influenciará de alguma forma o ser humano.

Willems (1970, p.7, 8), confirma esse conceito, ao afirmar que:

A música é considerada um fator importante na formação da personalidade humana; não apenas porque ela cria um clima particularmente, favorável ao despertar das faculdades criadoras, mas, ainda porque pode vivificar a maioria das faculdades humanas e favorecer o seu desenvolvimento.

Porém, é preciso indagar como utilizar as canções como uma forma educativa, desempenhando um papel norteador dessa Educação Sexual nas crianças.

As cirandas, como também podem ser chamadas as cantigas de roda é uma prática que hoje em dia, não está tão presente na realidade infantil como antigamente, devido às tecnologias existentes. É geralmente usada para entretenimento de crianças de todas as idades, em locais como colégios, creches, parques, etc. (<http://www.infoescola.com/folclore/cantigas-de-roda/>)

Mesmo depois da Era das Tecnologias, as músicas ainda trazem letras que raramente desempenham o papel educativo da sexualidade, como podemos observar na canção “O ratinho tomando banho” de Hélio Ziskind.

Tchau preguiça, Tchau sujeira
 Adeus cheirinho de suor
 Lava, lava, lava, lava, lava, lava
 Uma orelha, uma orelha
 Outra orelha, outra orelha
 Lava, lava, lava, lava,
 Lava a testa, a bochecha,
 Lava o queixo, Lava a coxa
 E lava até...Meu pé
 Meu querido pé
 Que me aguenta o dia inteiro, Oh, Oh
 E o meu nariz, Meu pescoço
 Meu tórax, O meu bumbum
 E também o fazedor de xixi

Mesmo fazendo menção ao órgão genital, ainda assim, deixa velado o nome pênis ou vulva/vagina e, mais uma vez, como acontece na maioria das vezes, utiliza-se um apelido para os órgãos genitais, no caso da música citada, o apelido dado ao pênis como o fazedor de xixi.

Corroborando com a ideia sobre a formação ainda velada sobre a sexualidade, Santos e Bruns, relatam que:

A sexualidade humana, em geral, tem seus alicerces construídos sobre a ignorância e o distanciamento, assim como sobre informações parciais e veladas, contribuindo desse modo, para uma percepção fragmentada que o indivíduo tem acerca das vivências afetivo-sexuais. (p.64)

Pensando um pouco mais a respeito das partes do corpo, no caso da música “Eu conheço um jacaré” seria uma opção para introduzir a Educação Sexual de forma prazerosa e lúdica, trabalhando com qualquer parte do corpo, e seria uma oportunidade de trazer à tona os nomes verdadeiros dos órgãos genitais e brincar com a criança, dentro de todo seu contexto corporal.

eu conheço um jacaré
 que gosta de comer
 escondam seus olhinhos (**barriga, pênis, vulva/vagina, etc**)
 senão o jacaré
 come seus olhinhos e o
 dedão do pé

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, os objetivos são:

- Explorar e identificar elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seu conhecimento de mundo.
- Perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos por meio de improvisações, composições e interpretações musicais.

Diante dos objetivos acima abordados, é imprescindível a inclusão da Educação Sexual através da música, como forma de trazer a conscientização da criança sobre si, seu corpo, a percepção do outro, das diversidades entre outras questões correlacionadas.

A música deve ser trabalhada do ponto de vista da interdisciplinaridade, aproveitando os aspectos históricos, sociais e científicos que nela são trazidos, especialmente no que concerne à leitura, interpretação e ampliação dos recursos linguísticos da criança, numa dimensão multirreferencial, com vistas ao seu entendimento e o respeito à diversidade.

Pensando nesta diversidade, as canções juninas, que estão naturalizadas em todo Brasil, principalmente nos meses de junho e julho, também trazem um contexto sobre a sexualidade, trazendo o tema paixão, amor.

O Balão vai subindo
Vem caindo a garoa
O Céu é tão lindo
E a Noite é tão boa
São João, São João
Acende a fogueira do meu coração.

É difícil contextualizar a frase “acende a fogueira do meu coração” para uma criança que, muitas vezes, tem uma visão de amor ainda tão romântico como o dos contos de fadas e atualmente, os contos de Walt Disney como modelo de amor. E ainda, a TV que a todo instante dita o modelo de amor nas novelas, e sem falar nas músicas que através dessas novelas são sucesso na voz de adultos, crianças, adolescentes, idosos e que sem nenhuma consciência, cantam esse amor ou esse erotismo, que passa despercebida pela educação escolar, mas que chega à escola, indiscriminadamente.

Nos dias de hoje, temos a ditadura do funk, do sertanejo universitário, que constantemente coloca a mulher como produto, e as crianças, principalmente as meninas, reproduzem nas danças e no canto essas canções que externalizam toda erotização do ponto de vista de um adulto.

Segundo Nunes e Silva (1997, p.14), “nossas tradições pedagógicas e institucionais, sobretudo centradas na família e na escola, sempre enfocaram a infância como elementos negativos, autoritários e restritivos”. Como exemplo dessa educação, têm-se algumas frases comumente usadas: “o educador modela a criança como o barro nas mãos do oleiro”, ou “é de pequenino que se torce o pepino”. Há também em Rousseau (1999) a afirmativa de que os homens são moldados pela educação. (p.8)

Há, portanto, um paradoxo, pois ao contrário do que Nunes e Silva e Rousseau afirmam, tudo leva a crer que nos dias atuais está sendo percorrido um caminho de grande liberação da sexualidade, principalmente no que tange às letras das canções, hoje não tão infantis, e que o acesso está liberado, sem restrições. Mas, por outro lado, ainda é possível perceber certa reserva da temática sexo e sexualidade com as crianças que ainda estão na infância e para Ariès (1973) a concepção de infância era diferente da que se tem hoje. Não havia estágios de vida tão demarcados, adultos e crianças misturavam-se. Somente entre o final da Idade Média e os séculos XVI e XVII se tornaram mais significativos os sinais de desenvolvimento e de sentimento para com a infância. Isto porque alguns costumes começaram a mudar, tais como os modos de se vestir, a preocupação com a educação, bem como a separação das crianças de classes sociais diferentes. Essa atenção dada agora à criança, não significou fazer dela o centro das atenções da família.

Não há mais distinção rígida entre adultos e crianças como no século XVI, quanto à diferenciação das músicas, das roupas, tudo está mesclado. Quando se ouve crianças cantando algumas músicas como as letras transcritas abaixo, fica a dúvida se as cantigas de roda ou canções populares vão conseguir sobreviver ou se a canção popular infantil promoverá uma conscientização da criança, respeitando-a como tal, não criando tabus ao falar sobre sua sexualidade, mas, ao mesmo tempo sem deixá-las a mercê de canções de cunho erotizante e sexual que tratam as questões de gênero ainda sob a dominação masculina e de uma educação hetero-normativa.

É preciso crer que a expressão infantil seja livre em suas variadas formas, porém faz-se necessário também nortear as crianças em cada fase em que elas se encontrem como afirmam vários teóricos e que podemos exemplificar com a teoria de Vygotsky sobre a apropriação ativa da criança de todas as suas experiências na sociedade, evidenciando a importância da cultura, da família, da igreja e de suas relações interpessoais, ressignificando-as a partir de suas experiências vividas. Mas, ao contrário disso, com a influência da mídia a todo o momento ditando os modelos a serem seguidos, é importante se reportar ao pensamento da Idade Média, como colocado no livro sobre a História Social da Criança e da

Família (ARIÈS, 1914-1984), propagando a visão da criança como um adulto em miniatura, não levando em consideração suas características e por ser um indivíduo em desenvolvimento, tem necessidades próprias de acordo com cada fase e maturidade que a compõe. É importante questionar sobre qual seria o entendimento de uma criança de 4 ou 5 anos de idade, a respeito das letras das músicas que se seguem.

AI SE EU TE PEGO – Michel Teló

Nossa, nossa
 Assim você me mata
 Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego
 Delícia, delícia
 Assim você me mata
 Ai se eu te pego, ai ai se eu te pego
 Sábado na balada
 A galera começou a dançar
 E passou a menina mais linda
 Tomei coragem e comecei a falar

SHOW DAS PODEROSAS – Anita

Prepara que agora é a hora
 Do show das poderosas
 Que descem e rebolam
 Afrontam as fogosas
 Só as que incomodam
 Expulsam as invejosas
 Que ficam de cara quando toca

Prepara
 Se não tá mais a vontade sai por onde entrei
 Quando começo a dançar eu te enlouqueço, eu sei
 Meu exército é pesado a gente tem poder
 Ameaça coisas do tipo você
 Vai

Solta o som que é pra me ver dançando
 Até você vai ficar babando
 Para o baile pra me ver dançando
 Chama atenção a toa
 Perde a linha fica louca

Vygotsky diz que:

O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual, as crianças penetram na vida intelectual dos que a cercam. (Vigotski,1984, p. 99)

Dar voz para estas crianças desde a primeira infância sobre as diversas questões do cotidiano que fazem parte da vida dos seres humanos, principalmente sobre a sexualidade, traz uma ressignificação no futuro como adultos emancipados, reflexivos e capazes de assumir as suas responsabilidades como cidadãos, parceiros (as), profissionais e fundamentalmente, seres humanos altruístas que conseguem se colocar no lugar do outro. Com isso, esse futuro adulto poderá ampliar as noções de educação, de referência positiva, para novamente dar voz a outras crianças, iniciando-se um ciclo de pensamento crítico e de qualidade.

É aceitável, pois, que as crianças possam ouvir canções de roda, assim como canções populares compostas para adultos e como não conseguem ainda identificar seus conteúdos, torna-se importante a educação através da família e da escola, por meio de um diálogo aberto, reconhecendo que, nessa fase da vida que é a infância, se faz necessária a informação com doses homeopáticas, de acordo com seu desenvolvimento e curiosidade, falando sempre a verdade, atentando para o seu nível de compreensão e, de forma natural, abordando vários assuntos que as rodeiam, principalmente a sexualidade, que é inerente ao ser humano.

A criança, através da brincadeira, consegue modificar suas estruturas básicas de consciência, criando uma nova atitude em relação à realidade, segundo Vygotsky (1984, p.117). Essa relação de faz-de-conta que ela cria em sua mente através dessas músicas que afirmam uma realidade banalizada da imagem da mulher erotizada e como objeto sexual, pode fazer a criança levar para sua realidade e consciência, essa verdade sobre a sexualidade e os padrões de comportamentos colocados pela música, pela televisão, pelos brinquedos estigmatizados como a boneca Barby, as princesas da Disney e também trazendo para a criança brasileira, o funk e as mulheres frutas e suas nádegas como forma de mercado.

A relação de poder masculino diante do feminino se contrapõe, e o pior, com o consentimento das famílias e da escola, que permitem que essas músicas preconceituosas sejam de alguma forma, inseridas no cotidiano das crianças, sem atentarem para o conteúdo e a repercussão no desenvolvimento biopsicossocial dessas crianças que a todo o momento estão em contato com esses estilos musicais, com letras erotizantes. Entretanto, sem nenhuma

informação e educação a respeito da sexualidade, a criança vem sendo criada num ambiente repleto de tabus e preconceitos, o que se nota até ao falar o nome dos órgãos genitais.

Para quebrar esse paradigma, é preciso lançar um olhar especial para a infância, para a educação infantil em suas diversas características, lembrando que em cada local, cultura, tudo se modifica e que é possível dar a atenção que essas crianças merecem e deixá-las livres para se manifestarem, não as tratando como meros receptores de conhecimento e sim como parte dessa história que sempre será o futuro da sociedade. Afinal, como afirma Rousseau (1999, p.8), a raça humana teria perecido se o homem não tivesse começado por ser criança.

6) RESULTADOS E DISCUSSÕES

“Ela nunca aprenderá o mais necessário, o mais difícil e o mais importante na música, que é o tempo. Porque na sua infância ela designadamente cultivou o hábito de ignorar o ritmo”.
(Wolfgang Amadeus Mozart)

6.1) A música na educação: fatores a serem explicitados.

Iniciam-se aqui algumas discussões a respeito das entrevistas realizadas, de acordo com a metodologia descrita, trazendo pontos que contribuam para a presente pesquisa, seus questionamentos e seus desdobramentos. Para tanto, também se evidenciam pontos importantes e norteadores para melhor compreensão sobre a trajetória da educação musical no Brasil e suas possíveis contribuições na atualidade.

6.1.1) Breve trajetória do ensino de música no Brasil: algumas considerações a partir de 1960.

A música está ligada à educação mesmo informalmente, em suas práticas, e as tentativas de se efetivar no currículo escolar ainda é uma barreira a se vencer, seja por falta de incentivos das políticas públicas, falta de profissionais capacitados ou de recursos para uma

didática eficaz e capaz de realmente formar um cidadão crítico e reflexivo para a apreciação estética, bem como para a interpretação de canções.

É possível perceber algumas tentativas na inclusão da música na escola, mais precisamente, no ensino público brasileiro, conforme segue:

O projeto de Villa-Lobos foi adotado, oficialmente, no ensino público brasileiro, em todo o território nacional, durante as décadas de 1930, 1940 e 1950 e foi, posteriormente, substituído pela disciplina educação musical, por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº 4.024, de 1961. (ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES, 2012, p.23).

Até a criação da lei de 1961, o canto orfeônico era praticado nas escolas. No entanto, depois, uma nova educação musical veio à tona, não apenas através do canto, mas também pelo movimento do corpo, brincadeiras, jogos, enfim, de forma sensitiva, socializadora, rítmico-percussiva, porém sem os recursos necessários para o desenvolvimento dessa nova educação musical, até que fosse desconsiderando-se o canto como principal fonte de música na educação.

Atualmente, as aulas de música no estado de São Paulo, mesmo após a lei nº 11.769, sancionada em 18 de agosto de 2008, que determina que a música deva ser conteúdo obrigatório em toda a Educação Básica a partir de agosto de 2011, ainda contemplam a música inserida na disciplina de Artes.

A Secretaria de Estado da Educação de São Paulo informa que os conteúdos da linguagem musical já são contemplados nas aulas de Arte. A disciplina Arte, é oferecida aos alunos em duas aulas semanais, em todos os anos do Ensino Fundamental e nos dois primeiros anos do Ensino Médio. Teatro, dança, artes visuais e música são as quatro linguagens artísticas abordadas na disciplina. Cada uma dessas linguagens possui conteúdos específicos, que são desenvolvidos nas situações de aprendizagens propostas no Caderno do Professor e no Caderno do Aluno, materiais de suporte ao Currículo implantado pelo Estado. Para aprimorar a qualidade de ensino, a secretaria desenvolve e viabiliza um conjunto de ações educativo-musicais, por meio de parcerias com instituições culturais, projetos e cursos descentralizados, com o objetivo de ampliar e fortalecer o desenvolvimento cultural e musical de alunos e professores das escolas estaduais. (ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES, 2012, p.36)

Há, portanto, ainda, uma forma de educação musical sem muitos critérios quanto à formação do profissional, bem como o conteúdo a ser abordado, sem contar a falta de espaço adequado e recursos materiais como instrumentos musicais, mídias digitais, entre outros, para uma educação de qualidade que possibilite o desenvolvimento musical nos seus momentos histórico, teórico e prático que a disciplina exige como fonte de aprendizagem global.

De acordo com as entrevistadas nessa pesquisa, infelizmente, na maioria das escolas não há a educação musical com um profissional especialista e que traga as contribuições teóricas e biopsicossociais através da música. Na maioria das vezes, a música é incluída às práticas pedagógicas de forma aleatória ou simplesmente como um momento de chegada ou partida, marcando a rotina da escola, ficando muito aquém do ensino formalizado de música, com o objetivo de despertar nas crianças a estética musical e a reflexão sobre os estilos musicais ouvidos na atualidade. Como ficou evidenciado em todas as entrevistas, há a predominância da audição por parte das crianças, do gênero funk, como será visto mais adiante.

Ainda falta a consciência das políticas públicas para entender o quão importante é a música para o desenvolvimento e formação das crianças e como a mesma torna o ambiente mais agradável e produtivo, como se pode notar na fala de uma das professoras, quando perguntado a ela, se há o ensino de música na escola:

“Não tem, tinha um coral, tinha aula de coral que era uma gracinha e quando entrou essa administração, eles tiraram. Eles ficavam mais calmos, eles se interessavam mais na sala de aula, era uma coisa diferente pra eles, eles gostavam de vir pra escola, então era muito bom”. (profa.2)

“As músicas são dadas pelo professor titular da sala, nessa escola foi feito um trabalho, um projeto com 20 músicas, o projeto chama-se Cantigas de Roda, essas músicas foram escolhidas pela equipe pedagógica e foram trabalhadas com as crianças, mas não tem um professor específico de música.” (profa.7)

Ficou certificado com essas falas, mais uma vez, que a música ainda é um pano de fundo na educação e que, sem critério nenhum, foi tirada e inclusa indiscriminadamente, e a formação pedagógica não tem subsídios para fazer uma intervenção, utilizando a música e todos os elementos e características que lhe são peculiares como ritmo, melodia, harmonia, timbre, entre outros, para a capacitação dos alunos para o entendimento e o despertar para a música e os instrumentos musicais.

É preciso fazer uma pausa e refletir sobre os cursos de formação em pedagogia ou até mesmo em Artes que trazem todas as instruções necessárias para a formação e docência

musical. Seria aqui outra investigação a ser realizada para um paradigma real sobre a música na educação, tanto para docentes, como para discentes.

Daí, esperarmos que a “música na escola” tão reivindicada, não se confunda com um fazer musical pedagogicamente, descompromissado, de lazer e passatempo, nem que a educação musical seja aprisionada pela educação artística e confundida com “história da música“ ou outras estórias de nomes e datas. (ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES, 2012, p.44).

É preciso sim, que haja música na escola, mas, faz-se mister que ela seja com qualidade de ensino, que deva ser realizada por profissionais qualificados e com conteúdos que realmente despertem as faculdades perceptivas, sócio interativas, emocionais, críticas e reflexivas dos alunos.

6.1.2) A importância da música para a criança.

Primeiramente, para entender a importância da música para o desenvolvimento infantil, é viável definir a música e como, há tempos, é apresentada ao homem, desde a tenra idade.

Segundo Mário de Andrade (1987) in MILLECO (2001, p.5):

Os elementos formais da música, o Som e o Ritmo, são tão velhos como o homem, por estarem presentes nele mesmo, nos movimentos do coração, no simples ato de respirar, no caminhar, nas mãos que percutem e na voz que produz o som. Quando o homem se percebe como um instrumento, como um corpo sonoro, e descobre que estes sons podem ser organizados, nasce a música. Começa, ele, então, a manejá-los, combiná-los, convertendo-os em matéria nova, em um fantástico veículo expressivo.

A música, assim como o organismo humano, é composta de elementos que a organizam de tal forma que possibilite uma audição prazerosa do som. Através da combinação dos elementos musicais como a dinâmica, pulsação, intensidade, entre outros, temos diversas músicas e estilos musicais.

Para Murray Schafer (1991, p.13) que consagrou a expressão (*soundscape*) “paisagem sonora”, diria que hoje em dia, existem muitos sons que estão diretamente ligados ao cotidiano, como o tráfego, rádios, celulares, entre outras tantas sonoridades que o cérebro seria incapaz de captar e digerir. Surge, então, um questionamento sobre o que fica dessa paisagem sonora nas crianças e como elas recebem e desenvolvem tudo isso dentro de si para fazer, sentir e entender a música.

É preciso estar atento para as sonoridades que cada criança traz para a sala de aula, através das brincadeiras, falas, canto, ambiente sonoro que ela está inserida, de forma que se possa contextualizar essas expressões e transformar em brincadeiras musicais que despertem vários aspectos biopsicossociais, como a lateralidade, a fala, a coordenação motora, além do momento lúdico que traz a criatividade e espontaneidade de cada criança.

Cada sociedade traz sua marca sonora, sua identidade que indica sua forma de vida, seus costumes e hábitos, assim como confirma SCHAFER (2011):

O termo marca sonora, deriva de marco e se refere a um som da comunidade que seja único ou que possua determinadas qualidades, que o tornem especialmente, significativo ou notado pelo povo daquele lugar. (p. 27)

Para tanto, é preciso trazer à tona essa percepção sonora ambiental em que se vive, para que se possa entender melhor esse universo sonoro, identificando os pontos positivos e negativos, incluindo sempre momentos mais prazerosos no que se refere aos sons cotidianos, bem como as músicas que estão, a todo tempo, nos meios de comunicação.

É importante que a criança possa apropriar-se dos sons que a cerca, das músicas, construindo uma paisagem sonora mais agradável e menos agressiva, principalmente para quem está situado dentro dos grandes centros urbanos, onde cada vez mais temos uma poluição sonora com ruídos que podem ter consequências muito graves no futuro de cada ser humano.

Através desta consciência, existem várias possibilidades sonoras que combinadas de diversas formas, podem vir a ser música e retratar a vida diária. Deixar a criança refletir e conhecer este ambiente desperta sua audição, concentração, percepção, além de trazer para si, os significados do que está ao seu redor.

Em cada etapa das entrevistas, as professoras confirmam como a música está presente na vida da criança, embora muitas vezes, na atualidade, estão expostas às letras das canções que trazem a sexualidade e o erotismo como principal tema. Verifica-se isso, principalmente, quando quase todas as professoras citam a música Lepo-Lepo como marca da expressão das

crianças, tanto no canto, como nas danças. Na tabela abaixo, pode-se observar o registro da quantidade de vezes que cada estilo musical apareceu nas entrevistas.

Tabela 1 (Gêneros musicais)

Gêneros citados	Rap	Funk	Sertaneja	Roda e Infantil	Total
Quantidade que apareceram	1	6	5	2	14
Música e artistas citados	Lepo-lepo (Psirico)	Poderosas (Anita)	Luan Santana	Xuxa e Galinha pintadinha	Total
Quantidade que apareceram	5	1	1	1	8

De acordo com a tabela 1, fica evidente que o funk é o gênero predominantemente cantado e dançado pelas crianças, seguido da música sertaneja, hoje denominada sertanejo universitário, que retrata em suas letras, muitas vezes, conteúdos tão eróticos quanto as letras do funk. As professoras, em sua maioria, tentaram evitar a temática das letras que as crianças trazem, sempre tentando oferecer uma nova atividade para desviar do assunto, embora todas confirmassem a presença massificadora do funk dentro da sala de aula, sendo representada pelo canto, pela dança, mas ainda sem realizar nenhum trabalho específico sobre os conteúdos explicitados nas mesmas.

“Elas trazem o que elas ouvem em casa, elas trazem funk e sertanejo-funk, eu chamo de sertanejo-funk, pegaram a letra funk, toda a temática funk, vocabulário funk e introduziram no sertanejo. Mais esses dois gêneros que eles trazem? Sim e eles adoram. adoram porque é animada a música e todo tempo tem coreografia e a criança gosta de fazer coreografia, e os pais escutam em casa, domingo, sábado, fim de semana na TV, qualquer canal que liga tem isso né, eles têm muito acesso a esse tipo de coisa, eles adoram agora a do “ra-ra-ra, lepo-lepo”. (profa.3)

“A realidade que eu trabalho é bem funk, a música que eles escutam é funk, todas essas últimas paradas de sucesso eles sabem. eles tão cantando muito o lepo-lepo agora, durante a atividade tão pintando e tá cantando o lepo-lepo, algo que eles ouvem em casa né, por isso até que a gente tenta resgatar, mas a realidade deles é essa, esse tipo de música, é mais funk, é sertanejo também eles cantam essas que estão mais em evidência”. (profa. 4)

LEPO-LEPO

Ah, eu já não sei o que fazer
 Duro pé-rapado, com salário atrasado
 (ahh, eu não tenho mais por onde correr)
 Já fui despejado, o banco levou o meu carro

Agora vou conversar com ela
 Será que ela vai me querer?
 Agora vou saber a verdade
 Se é dinheiro se amor
 (ou cumplicidade)

(Refrão)
 Eu não tenho carro
 Não tenho teto
 E se ficar comigo é porque gosta
 Do meu
 Rá rárárárará
 LepoLepo
 É tão gostoso quando eu
 Rá rárárárará
 O LepoLepo

A sociedade está inserida em contextos musicais marcados pela sexualidade, pelo fortalecimento do capital e da mulher capitalista; dessa forma é difícil não acreditar que essas músicas influenciam e influenciarão diretamente o desenvolvimento biopsicossocial dessas crianças.

É preciso encontrar uma forma de contextualizar sem ser ditador de um estilo musical e ainda, trazer o pensamento crítico-reflexivo sobre essas e outras músicas que bombardeiam as crianças e toda a sociedade.

...A presença física do som e das sonoridades é um fato da cultura e experiência individual da maior importância; no Brasil, especialmente através das modalidades diversas da canção. Mas a tensa relação entre som e sentido, dada nos processos de enunciação da música, apesar de traduzir pulsões e afetos, não tem sido valorizada educacionalmente como as verbais e do olhar – certamente por razões complexas ligadas à própria constituição do saber ocidental, que privilegia a ordem da legibilidade antes da escuta –, e por razões concernentes às diretrizes históricas do ensino no Brasil. A escuta não pode ser assimilada à audição distraída; ao comportamento generalizado tomado como natural; a escuta exige atenção e concentração é uma força estranha que através de vibrações audíveis e inaudíveis, de vozes e silêncios, convoca o corpo, conecta o inconsciente. É assim pensando, que a música é componente indispensável da formação que vem da educação dos cinco sentidos, não apenas da razão.(ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES, 2012, p.48)

Há, então, reações que são causadas pela música e que, muitas vezes, o indivíduo não tem consciência de como agem em seu organismo, como já foi dito anteriormente, desde sua concepção, com os sons do coração, da respiração, além do próprio ritmo interno de cada um.

Segue-se, agora, uma visão da neurociência sobre a influência da música no cérebro.

6.1.3)A música e a neurociência.

Mesmo que genericamente, de alguma forma, todos sabem que a música tem o poder de relaxamento, evoca emoções, libera endorfina e traduz diretamente momentos que marcaram suas vidas. É importante saber como é sua atuação no cérebro e seu desenvolvimento ou potencial nos seres humanos.

De acordo com o neurocientista Mauro Muszkat:

Há uma especialização hemisférica para a música, no sentido do predomínio do lado direito para a discriminação da direção das alturas (contorno melódico), do conteúdo emocional da música e dos timbres (nas áreas temporais e frontais). (ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES, 2012, p.68).

Afirma, ainda, as várias facetas da música no processamento cerebral e suas implicações para a fisiologia corporal.

A música não apenas é processada no cérebro, mas afeta seu funcionamento. As alterações fisiológicas com a exposição à música são múltiplas e vão desde a modulação neurovegetativa dos padrões de variabilidade dos ritmos endógenos da frequência cardíaca, dos ritmos respiratórios, dos ritmos elétricos cerebrais, dos ciclos circadianos de sono-vigília, até a produção de vários neurotransmissores ligados à recompensa e ao prazer e ao sistema de neuromodulação da dor. Treinamento musical e exposição prolongada à música considerada prazerosa aumentam a produção de neurotrofinas produzidas em nosso cérebro em situações de desafio, podendo determinar não só aumento da sobrevivência de neurônios como mudanças de padrões de conectividade na chamada plasticidade cerebral. (ALLUCCI & ASSOCIADOS COMUNICAÇÕES, 2012, p.68).

Sendo a influência da música confirmada no organismo humano, pode-se refletir, conforme as citações acima e as transcrições feitas das entrevistas realizadas, que o funk ou qualquer gênero musical atua diretamente no sistema nervoso, principalmente na área dos neurotransmissores responsáveis pela recompensa e o prazer, o que leva a uma reflexão sobre o papel da música no desenvolvimento da criança, bem como sua influência na vida adulta futura, marcada por sua identidade cultural, no caso do Brasil, o samba, o carnaval e atualmente o funk.

Por tudo o que até aqui foi discutido, é preciso trazer, então, a música para a escola, cada vez mais como uma fonte de desenvolvimento humano em seus vários aspectos e não ignorar que a criança ouve sem discernimento, pois de alguma forma, está acontecendo processamentos cerebrais que são transportados para o corpo e que registram o prazer de ouvir música, cantar e dançar, mas que trazem, também, os contextos sociais nas letras das canções com os temas da sexualidade, do sexo e do erotismo como fonte de verdade e prazer.

É fato que as professoras percebem que o tema sexo e sexualidade é trazido pelas crianças, no entanto, todas acreditam na ingenuidade, na ignorância da criança em relação ao tema. Uma das professoras entrevistadas acredita que algumas crianças já têm certa consciência, porém, não total no que diz respeito ao sexo em si. Ao mesmo tempo em que acreditam que as crianças têm a liberdade de expressão, sentem-se acuadas ao abordar o tema e apenas mudam de assunto para não terem de explicar com detalhes, fato que elas acham complicado, mas essa discussão não é proposta pela escola.

“A gente não recrimina, a gente os deixa apresentarem, eles adoram dançar, não corto de jeito nenhum porque é deles, eu vejo assim, não sei se tô errada, então é o que eles trazem de casa, e tem esse momento que eles cantam, dançam o que eles querem, mas tem o momento que a gente fala agora nós vamos cantar outra musiquinha, nós vamos aprender outro tipo”. (profa.5)

“Então, eu percebo que as crianças não sabem o que estão cantando, e na escola, a gente não trabalha com esse tipo de música, então assim, eu ouço o que eles cantam, mas aí eu já explico pra eles: olha aqui na escola a gente não vai trabalhar com essa música, eu não vou ensinar pra vocês essa música, legal que vocês conheçam, na maioria das vezes eu nem conheço a música mesmo eu falo pra eles, eu nunca ouvi essa música, e não entro em detalhes que esta questão é muito complicada, porque cada família aborda de um jeito e, e como não é a escola que está apresentando e não está, não estou trabalhando, não estou desenvolvendo nenhum projeto com isso, eu acabo é, não dando ênfase nesse assunto”.(profa.1)

“Sim. bom eu acredito que eles ainda, tem uma certa inocência em relação a letra da música né, geralmente é uma ou outra que faz algum movimento, mas a gente não pode recriminar né, age naturalmente, converso que até na sala de aula a gente vai cantar outro tipo de música, porque eu tento não incentivar eles a cantar lá na escola, porque em casa não adianta eles vão ouvir, né.

então vamos cantar outra, vamos cantar aquela que a gente aprendeu e vou trocando o foco, mas não tem como chamar a atenção pra eles não acharem que é uma coisa feia, o meu modo de ver é assim, eu trabalho assim, eu deixo, mas, tento mudar a atenção, mudar pra outra música, mas não falar propriamente pra não cantar né”. (profa.4)

Todas estas informações estão sendo processadas e registradas como verdades, ou seja, conforme a letra da música “Lepo-lepo”, não importa os bens materiais, mas sim o bom sexo, o prazer sexual acima de tudo, ou apresenta a mulher como poderosa, desejada e que causa inveja nas outras mulheres como na música da cantora Anita.

Prepara que agora é a hora
Do show das poderosas
Que descem e rebolam
Afrontam as fogosas
Só as que incomodam
Expulsam as invejosas
Que ficam de cara quando toca...

Serão discutidas, agora, as questões sociais do desenvolvimento humano que formam cidadãos e os posicionam no mundo de acordo com as impressões construídas e vivenciadas em seu cotidiano familiar, escolar, religioso, enfim, social.

Como foi dito, a música está implícita na vida dos indivíduos e age diretamente no desenvolvimento biopsicossocial, isso leva a uma reflexão sobre a existência ou não de uma diferença nesse desenvolvimento dependendo da realidade social em que cada criança está inserida. A dúvida é se o funk se constituiria em um estilo exclusivo de uma classe social menos favorecida, necessitando de um estudo mais aprofundado sobre esse gênero musical.

6.1.4) A música e a questão social.

É fato que a música representa muitas classes sociais; no Brasil, a influência dos negros, dos europeus e índios, trouxe uma forte diversidade cultural e musical. Hoje em dia, isso se traduz em misturas como samba-rock, sertanejo universitário e até mesmo o funk, que passou por modificações ao longo dos tempos.

Coelho e Favaretto (2010) destacam o funk como gênero musical nascido nos Estados Unidos, apreciado por músicos negros, na década de 1960, tendo como um grande cantor e compositor, James Brown.

I Got You (I Feel Good)
James Brown

I feel good, I knew that I would now
 I feel good, I knew that I would now
 Sogood, sogood, I got you
 I feel nice, like sugar and spice
 I feel nice, like sugar and spice
 Sonice, sonice, I got you
 When I hold you, in my arms
 I know that I can't do no wrong
 And when I hold you in my arms
 My love won't do you no harm!
 And I feel... Nice, like sugar and spice
 I feel nice, like sugar and spice
 Sonice, sonice, I got you

When I hold you, in my arms
 I know that I can't do no wrong
 And when I hold you in my arms
 My love can't do me no harm!!
 And I feel nice, like sugar and spice
 I feel nice, like sugar and spice
 Sonice, sonice, I got you
 Whooooo! I feel good, I knew that I would
 I feel good, I knew that I would
 Sogood, sogood, I got you
 Sogood, sogood, I got you
 Sogood, sogood, I got you
 Heey!
 (Oh, yeah!)

Sobre o funk ainda relatam que:

O funk, também, é chamado de soul music, soul funk ou funk de raiz. Esse último nome tem a intenção de distinguir o funk original de um gênero funk desenvolvido na cidade do Rio de Janeiro que, embora se chame funk carioca, tem pouquíssima semelhança com a qualidade e o vigor da música negra norte-americana. (COELHO E FAVARETTO, 2010 p. 88).

É preciso questionar sobre o porquê de tantas modificações ao longo dos tempos, dentro do mesmo gênero musical. Não podemos esquecer a influência dos veículos de comunicações e o capital como geração de mais capital, a onda da massificação para obter lucros indiscriminados.

É importante citar Bourdieu como uma possibilidade de reflexão sobre até que ponto a sociedade está hipnotizada pela televisão que dita a moda, as regras, o belo, o que deve ser seguido; ele traz uma discussão que se encaixa nesse contexto, especialmente no caso da televisão.

Mas volto ao essencial: afirmo ao começar que o acesso à televisão tem como contrapartida uma formidável censura, uma perda de autonomia ligada, entre outras coisas, ao fato de que o assunto é imposto, de que as condições da comunicação são impostas e, sobretudo, de que a limitação do tempo impõe ao discurso restrições tais que é pouco provável que alguma coisa possa ser dita. Dessa censura que se exerce sobre os convidados, mas também sobre os jornalistas que contribuem para sua existência, espera-se que eu diga que é política. É verdade que há intervenções políticas, um controle

político (que se exerce, sobretudo, através das nomeações para os postos dirigentes); é verdade também que — particularmente em um período no qual, como hoje, há um exército de reserva e uma enorme precariedade de emprego nas profissões da televisão e da rádio — a propensão ao conformismo político é maior. As pessoas se conformam por uma forma consciente ou inconsciente de autocensura, sem que haja necessidade de chamar sua atenção. (1997, p.19).

É difícil para a escola competir com tamanha selvageria e incutir elementos novos de cultura, outros estilos musicais, se o que se tem, a todo instante, é uma dominação do pensamento das crianças e uma imposição sobre as regras de condutas a serem seguidas e/ou adquiridas e compradas.

É possível perceber nas falas das professoras que todas tentam resgatar as cantigas de roda, músicas infantis, trazer algum conteúdo cultural como o carnaval, o folclore. Mas é unânime a queixa da falta de preparo e aprofundamento sobre conteúdos musicais, repertório, história da música, enfim, alguma base que possibilite um trabalho pedagógico apropriado para essa faixa etária; além disso, a todo o momento tentam fugir de músicas que as crianças trazem de casa, que ouvem através das mídias, como a TV, rádio e internet.

“Não a gente ainda não tem esse trabalho, mesmo porque pra gente é ainda muito novo, a gente não tem um suporte musical, a gente resgata as músicas já, como é que fala, não é antiga, cantigas, de roda, infantil, mas não tem um gênero, a gente apresenta, por exemplo, a música de carnaval, quando a gente tem o carnaval, o bumba meu boi, a gente apresenta a dança, mas é superficial, falta o aprofundamento, mesmo porque a gente desconhece um pouco, teria que estar tendo mais estudo pra gente também, a gente tenta fazer o melhor pra eles, mas é difícil”. (profa.5)

O despreparo das professoras é evidente, e, sobretudo, a fragilidade perante a massificação do rádio, da televisão e da internet que propaga as informações, as músicas sem qualquer critério, ou melhor, com o critério de dominar para controlar, vender e lucrar.

O fato é que se tem uma violência simbólica (BOURDIEU, 1997), é uma guerra unilateral, a mídia atacando a sociedade, as crianças, com os modismos, os produtos, os brinquedos, o sonho do ter, do possuir, de ser feliz ao comprar o lançamento deste ou daquele brinquedo, saber cantar e dançar essa ou aquela música que toca nos programas de auditório. Na prova do ENEM de 2014, o tema da redação foi *"Publicidade infantil em questão, no Brasil"* como citado no site globo.com em 09 de Novembro de 2014, mostrando como esse tema é desafiador e atual.

Corroborando com esta ideia, vamos entender o que vem a ser essa violência simbólica:

Desejaria, então, desmontar uma série de mecanismos que fazem com que a televisão exerça uma forma particularmente perniciosa de violência simbólica. A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la. A sociologia, como todas as ciências, tem por função desvelar coisas ocultas; ao fazê-lo, ela pode contribuir para minimizar a violência simbólica que se exerce nas relações sociais e, em particular, nas relações de comunicação pela mídia. (BOURDIEU, 1997, p.22).

Cabe, então, aos educadores revelar o que está por trás das propagandas, dos programas de televisão, dos produtos oferecidos pela mídia, das letras das músicas mais impostas pelos meios de comunicação, como forma de proteger as crianças que estão nesse meio, as quais são induzidas ao consumo desenfreado e sem a mínima consciência dessa forma de violência.

Se a música é um veículo de comunicação social, integradora e formadora da cultura, é dever dos órgãos competentes incluir na graduação dos cursos de pedagogia, de artes, entre outros, alguma disciplina que oriente os educadores como trabalhar a música em sala de aula, em seus vários contextos. Hoje em dia, principalmente no que diz respeito à questão social, é importante que seja abordada a música e sua influência na sexualidade das crianças, no desenvolvimento global, sendo imprescindível também, a educação sexual como disciplina regular dos referidos cursos.

6.2) A Sexualidade, o sexo e a Educação Sexual: nossos (des) conhecidos.

Nos dias atuais, o magistério é considerado uma profissão feminina, com uma construção histórica machista de tempos em que os homens trabalhavam fora de casa e as mulheres que trabalhavam tornavam-se, exclusivamente, professoras, trazendo a extensão da maternidade para além da família.

Na tabela abaixo, são apresentados os dados pessoais das professoras entrevistadas, chamando a atenção para a unanimidade do sexo feminino, mesmo depois de algumas gerações, após um período de 20 anos.

Tabela 2 Dados Pessoais

Idade	Sexo	Religião
49	Feminino	Católica
48	Feminino	Espírita
47	Feminino	Católica
38	Feminino	Católica
29	Feminino	Espírita
28	Feminino	Nenhuma
25	Feminino	Católica

Conforme evidenciado na tabela 2, já se pode atribuir às mulheres a Educação Sexual no trabalho e ainda ter uma visão machista da profissão, pois no século XXI quase não encontramos professores do sexo masculino.

Serão citados nesse momento, alguns autores que trabalham com a sexualidade e a educação sexual, trazendo, a princípio, visões diversificadas do conceito de sexualidade e educação sexual.

Temos em Santana (2006, p. 17).

O termo sexualidade e sexo são duas expressões bastante usadas e comumente confundidas quando se trata de sexualidade humana. Infelizmente, quando se fala nesse tema, grande parte das pessoas faz uma associação direta com sexo. O senso comum usa essas duas palavras, como sendo sinônimas. Sexo e sexualidade são palavras diferentes em seus significados, por essa razão se faz necessário diferenciá-las.

Ribeiro (2005, p. 18) complementa que:

A sexualidade é um conjunto de fatos, percepções e sentimentos vinculados ao sexo ou à vida sexual. No nosso entender, é um conceito amplo que envolve a manifestação do impulso sexual e o que dela é decorrente: o desejo, a busca de um objeto sexual, a representação do desejo, a elaboração mental para a realização do desejo, a influência da cultura, da sociedade e da família, a moral, os valores, a religião, a sublimação, a repressão.

Marilena Chauí, autora do livro **Repressão Sexual essa nossa (des)conhecida**, aborda a sexualidade como:

[...] como a atmosfera difusa e profunda que envolve toda a nossa vida (nossas relações com os outros, com o nosso corpo e o alheio, com objetos e situações que nos agradam ou desagradam, nossos medos, sonhos, reais ou imaginários). Como a dimensão simbólica (individual e cultural) que articula nosso corpo e nossa psique, suas máscaras, disfarces, astúcias e angústias. (CHAUÍ, 1988, p.30).

Nunes afirma que:

A sexualidade humana não está sujeita ao determinismo animal, restrita ao mundo natural. É uma esfera que passa, além disso; ela contém a intencionalidade, no sentido de consciência e de experiência de sentido, no sujeito humano. É, portanto, dimensão existencial, original e criativa em sua expressão e vivência. E essa dimensão é dinâmica, dialética, processual. Não se pode reduzir a sexualidade a um substrato único, imitável, eterno. A sexualidade, isto é, as qualidades, formas e significações da atividade sexual são históricas, processuais e mutáveis. (NUNES, 2005, p. 17-18).

De acordo com estes autores contemporâneos que trabalham e escrevem diretamente sobre o assunto em questão, pode-se definir que a sexualidade é a capacidade humana de exprimir desejos, prazeres, além de conhecer a si, seu corpo e suas necessidades biopsicossociais, atrelados diretamente ao pertencimento de seus valores, cultura, educação, família, credo e da construção histórica que constitui a subjetividade humana.

É importante também frisar que a representatividade da sexualidade para cada um, desempenha papéis que direcionam o indivíduo na construção do autoconhecimento para a realização plena do ser em sua totalidade.

Como foi discutido no item 1 desse trabalho, no século XIX havia uma visão médico-higienista da sexualidade, porém, trazendo para os dias de hoje, no século XXI, temos a OMS (Organização Mundial da Saúde) que preconiza que:

A sexualidade humana forma parte integral da personalidade de cada um. É uma necessidade básica e um aspecto do ser humano que não pode ser separado de outros aspectos da vida. A sexualidade não é sinônimo de coito e não se limita à presença ou não do orgasmo. Sexualidade é muito mais do que isso. É energia que motiva encontrar o amor, contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações, portanto, a saúde física e mental. Se saúde é um direito humano fundamental, a saúde sexual também deveria ser considerada como direito humano básico. A saúde mental é a integração dos aspectos sociais, somáticos, intelectuais e emocionais de maneira tal, influenciem positivamente a personalidade, a capacidade de comunicação com outras pessoas e o amor.

Para a OMS, que visa o bem estar da saúde dos seres humanos, a sexualidade não é mais referenciada apenas como uma visão médico-higienista, e como respaldo também, na questão da Educação, é importante averiguar o que sugere os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais).

Orientação Sexual na escola deve ser entendida como um processo de intervenção pedagógica que tem como objetivo, transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, incluindo posturas, crenças, tabus e valores a ela associados. Tal intervenção ocorre em âmbito coletivo, diferenciando-se de um trabalho individual, de cunho psicoterapêutico e enfocando as dimensões sociológica, psicológica e fisiológica da sexualidade. Diferencia-se também da educação realizada pela família, pois possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade, sem a imposição de determinados valores sobre outros. O trabalho de Orientação Sexual visa propiciar aos jovens a possibilidade do exercício de sua sexualidade de forma responsável e prazerosa. Seu desenvolvimento deve oferecer critérios para o discernimento de comportamentos ligados à sexualidade que demandam privacidade e intimidade, assim como reconhecimento das manifestações de sexualidade passíveis de serem expressas na escola. (p.28).

Realmente, o modo de ver e trazer a sexualidade para a comunidade mudou, mas quando se vai a campo, o que se encontra é outra realidade. Apesar de estarmos no século XXI, onde as informações são disponibilizadas a todo vapor, ainda temos o sexo como algo velado, proibido, constrangedor. A falta de informação das professoras entrevistadas sobre o tema sexo e sexualidade é muito grande, a ponto de não saberem o

que falar das questões de gênero e a forma de educar sexualmente. O que se percebe é que quando questionadas sobre esse trabalho na escola, se há uma possível metodologia, a negação é imediata, como se não fosse possível esse trabalho. Investigando, porém, mais a fundo os seus relatos, é possível perceber que elas deixam transparecer, mesmo indiretamente, que a educação sexual se faz presente a todo o momento; afirmam não ter tal conhecimento e nem acreditam estar educando.

Há ainda conceitos arraigados como no caso do “Projeto Identidade” citado por muitas delas, sendo apresentado para a criança o estereótipo hetero-normativo de como é a representação de um menino e uma menina, o que sugere uma reflexão sobre como ficariam as crianças que já apresentam nuances da transsexualidade, qual o motivo de não ser encarado com naturalidade a questão dos órgãos genitais e como a criança se sente em relação ao seu próprio corpo.

“Aconteceu recentemente de um aluno, ele tem um tênis agora roxo, e chegou com esse tênis e parece que um amiguinho tava falando que esse tênis era de menina, aliás é o menino que tá invocado com o lepo-lepo, que falou que o tênis era de menina, e o pai do menino veio e falou que o filho dele tava sofrendo bullying, porque agora já tem o nome né, que tava falando que o tênis dele era de menina. Eu convoquei uma roda de conversa, nós nos sentamos, primeiro eu falei, nossa como o seu tênis é bonito pro menino em questão e abordei com eles essa questão das cores que não existe a questão de ter cor de menina, de ter cor de menino, eu falei pra eles que tênis de menina é o da Barby, vamos combinar o tênis da Barby é tênis de menina, porque né, até mesmo pra eles entenderem melhor, falei que não deve fazer isso que o amigo fica triste, é, e interessantemente esse menino ele gosta de beijar os outros meninos no rosto e abraçar, claro que nunca vai falar isso pro pai, se o menino tá fazendo isso, ainda mais quando ele veio falar do tênis, num outro momento, até agora eu tô observando isso, essa questão do beijo, pra eu conversar com os pais, pra saberem se eles são muito carinhosos em casa, se eles se abraçam e se beijam bastante, se dão muito carinho, porque são crianças é completamente normal, pra eu ver como eu vou abordar com os pais, mas é isso”. (profa. 3)

*“Eu acho que nessa faixa etária é super importante, eu acho que antes ainda, a meu ver eles ainda não despertam tanto, eu acho que nessa faixa etária, etapa 1 e 2, etapa que eles estão maiorzinhos é importante, porque eles já começam a perceber, eles começam a entender as diferenças e já tem muita curiosidade nessa idade, eu vejo quando eles se trocam que eles olham e tudo. **olham o corpo do outro? os órgãos genitais? questionam alguma coisa?** isso, isso, pra mim ainda não, nunca questionaram nem o nome dos órgãos genitais.(profa.4)*

É apropriado se questionar por que a Educação Sexual ainda não pode ser inserida no currículo escolar. Talvez essa pergunta tenha inúmeras respostas, mas podemos acreditar que ainda a dominação através do controle se faz presente, a disciplina dos corpos, como podemos identificar nas ideias de Foucault que “... em

qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações” (FOCAULT, 1987, p. 118).

É preciso fazer algumas reflexões a respeito da Educação Sexual tanto formal quanto informal para se entender um pouco mais sobre essa “coerção disciplinar que estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada”. (FOCAULT, 1987, p. 119).

6.2.1) A Educação Sexual: padrões pré-estabelecidos pela educação informal.

A partir do momento em que uma mulher engravida, inicia-se uma Educação Sexual com a ansiedade em distinguir o sexo do bebê. Após essa definição, cria-se um mundo de possibilidades como o nome a ser dado, a cor do quarto, a aparência, enfim, uma nova vida já previamente, definida, ou melhor, hetero-normativamente definida. Há modelos pré-estabelecidos de decoração para meninas e para meninos; as cores, os temas dos desenhos animados, os brinquedos. A forma como educar cada gênero, a princesa e o “macho garanhão”, ainda se perpetua no nosso século.

A Educação Sexual está arraigada nos padrões impostos pela sociedade como um legado histórico; segundo Bourdieu, (2007) “O *habitus*, produto de uma aquisição histórica, é o que permite a apropriação do legado histórico”. (p. 185)

Existe uma herança que faz parte do corpo dos agentes, ou seja, “o corpo está no mundo social, e o mundo social está no corpo (sob forma de *hexise* de *eidós*)”. (BOURDIEU, 2007 p. 185).

Bourdieu ainda esclarece que:

O herdeiro herdado, apropriado à herança, não tem necessidade de *querer*, isto é, de deliberar, escolher e decidir conscientemente, para fazer o que é apropriado, o que convém aos interesses da herança, de sua conservação e de sua ampliação. A rigor, ele pode nem saber o que faz ou que diz e, não obstante, acabar fazendo ou dizendo exatamente conforme as exigências de perpetuação da herança. (2007. p. 185-186).

Bourdieu ressalta o quanto a humanidade é influenciada pela educação familiar, que também é influenciada pela sociedade, e essa é gerenciada pela classe dominante, de acordo com a hierarquia social vigente e o capitalismo. Para tanto, de acordo com essas considerações, a Educação Sexual informal, familiar, social, induz a uma Educação Sexual heterossexual, em que a menina usa vestido rosa e o menino calça azul, e alguma situação adversa é rapidamente repreendida e abafada. É o corpo socializado, moldado, direcionado para padrões de comportamentos de acordo com o gênero ao qual pertence.

Entram em vigor as condições de existência, ou seja, o estilo de vida que o indivíduo terá como verdade, como parte integradora da sociedade e do seu pertencimento, é o capital cultural, o capital simbólico, o capital legítimo. Enfim, tudo o que é passado como verdade através do núcleo familiar e social.

Tudo tende a parecer natural, dentro das normas e dos padrões socialmente aceitos, como podemos perceber em Bourdieu (2011):

Os estilos de vida são, assim, os produtos sistemáticos dos *habitus* que, percebidos em suas relações mútuas segundo os esquemas dos *habitus*, tornam-se sistemas de sinais socialmente qualificados – como “distintos”, “vulgares”, etc. A dialética das condições e dos *habitus* é o fundamento da alquimia que transforma a distribuição do capital, balanço de uma relação de forças, em sistema de diferenças percebidas, de propriedades distintivas, ou seja, em distribuição de capital simbólico, capital legítimo, irreconhecível em sua verdade objetiva. (p. 164).

Estes padrões de comportamento, estilo de vida em relação à educação sexual informal, é tão arraigada que quando perguntamos a respeito de como é trabalhada a educação sexual na escola, as professoras não conseguem responder objetivamente. Parece que há um bloqueio ao falar sobre sexo e sexualidade, e é notório como ainda falta informação e preparo. Elas preferem reproduzir o cotidiano e o hábito social, aquilo que é aceito e o que todos pregam como verdade.

A seguir, é possível constatar tudo isso através das respostas das entrevistadas quando foi perguntado a elas sobre os projetos ou metodologias sobre a Educação Sexual e Sexualidade.

“A bom, isso já é trabalhado no dia-a-dia, geralmente é pelas atividades, então assim, tem quebra-cabeça de menina, tem quebra-cabeça de menino, as próprias atividades tem uma menininha e um menininho, de vestidinho, de calça, né, geralmente a gente faz isso né, mas a gente não entra especificamente, porque ainda não é uma idade nisso, né. Então a questão de gênero, ela é trabalhada? Ela é trabalhada, mas de uma forma assim, fisicamente, assim, fisicamente que eu digo partes sexuais mesmo, isso não, mas já trabalhado menino e menina.” (profa.2)

“Geralmente eles trazem brinquedos, então eles mesmos falam menininhos não podem brincar de bonecas, então eu falo, não o menino pode brincar de boneca, menininha também pode brincar de carrinho, porque eles tem essa ideia, né, o cor-de-rosa é uma coisa que se tem ideia né, sabe o menino não pode usar cor-de-rosa, não menino pode usar cor-de-rosa, ó ele usa cor-de-rosa, ela usa azul e é uma menininha. Então você dá essa orientação? Sim, é mais assim.”(profa.2)

“Não, a gente trabalha gênero, mas sexualidade... Gênero de que jeito vocês trabalham? É menino e menina, mas assim, não entra em, não entra em sexualidade, entra até a questão do corpo assim, não é abordado aqui, acredito que mais que, que mais lá pro fundamental que vai, que entre essa parte.” (profa.1)

É possível concluir que ainda temos, dentro da sala de aula, uma Educação Sexual informal, sem respaldo metodológico, teórico; são visões simplistas e que remetem ao senso comum, trazidos da formação familiar, religiosa, social. Na atualidade, percebe-se essa educação nas informações midiáticas que se utilizam da linguagem corporal, sensual, erótica como subsídio para o consumo indiscriminado de vários objetos como, por exemplo, brinquedos, roupas, comidas e música. Encontra-se assim um *habitus* legitimado pela sociedade como algo lícito e, infelizmente, quando esses objetos consumidos são trazidos para a escola, não há uma reflexão, uma educação sobre esse consumo e o que o conduz, ficando no inconsciente coletivo das crianças uma verdade que todos concordam, e, sobretudo uma Educação Sexual informal, baseada no senso comum e legitimada pela sociedade e pela comunidade escolar. O conceito de Inconsciente Coletivo foi criado pelo psicólogo suíço Carl Gustav Jung.

Corroborando com a questão da Educação Sexual dada pelo professor, Werebe (1981, p. 107) que diz:

O fato de que o professor não tenha consciência dessa influência sobre a vida sexual dos alunos é grave, pois a ação que desempenha fica de certa forma fora de seu controle. Por sua vez, o aluno também não tem a consciência dessa influência e, por isso, não se “prepara” para recebê-la e não pode enfrentá-la diretamente.

Mas, será que esta é uma questão apenas de base educativa? Será que com uma educação que abranja a sexualidade, bem como a educação musical crítica, reflexiva e de qualidade trará um novo quadro? Essa questão só tem resposta com um trabalho prático, ou seja, com a teoria aplicada a campo, com a pesquisa-ação e com profissionais qualificados e preparados para que no decorrer de um tempo mínimo seja possível tirar conclusões significativas.

6.2.2) A sexualidade infantil: a ingenuidade e a assexualidade.

Freud foi o primeiro autor a retratar a sexualidade infantil, descreveu as fases do desenvolvimento psicosssexual revelando onde acontecem as mudanças marcantes no que é desejado e como esses desejos são satisfeitos. (FADIMAN, FRAGER, 1986, p.09). Para ele, os instintos são forças propulsoras que incitam as pessoas à ação, ou seja, as pulsões denominadas por Freud, pulsões de vida e de morte, as quais não estariam localizadas no corpo e nem no psiquismo, mas na fronteira entre os dois e teriam como fonte, o Id (inconsciente).

Freud desenvolveu duas descrições dos instintos básicos. O primeiro modelo descrevia duas forças opostas, a sexual (ou, de modo geral, a erótica, fisicamente gratificante) e a agressiva ou destrutiva. Suas últimas descrições, mais globais, encararam essas forças ou como mantenedoras da vida ou como incitadoras da morte (destruição). Ambas as formulações pressupõe dois conflitos instintivos básicos, biológicos, contínuos e não resolvidos. Este antagonismo básico não é necessariamente visível na vida mental, pois a maioria de nossos pensamentos e ações é evocada não por apenas uma dessas forças instintivas, mais por ambas em combinação. (FADIMAN, FRAGER, 1986, p.09)

Partindo deste pressuposto, conclui-se que há a sexualidade desde a infância e é parte motivadora para o desenvolvimento em suas diferentes fases. No entanto, observa-se a tendência ao esquecimento da sexualidade infantil, sendo tratadas apenas as questões de gênero como forma de educar os pequeninos, embora se saiba que eles vão descobrindo sua sexualidade desde a tenra infância.

Por outro lado, na atualidade, em que tudo está liberado até mesmo para as crianças, como programas televisivos, músicas voltadas para adultos, propagandas,

entre outros produtos que integram o sexo e a sexualidade, é preciso parar e repensar o porquê de ainda se acreditar, muitas vezes, na assexualidade infantil.

As docentes entrevistadas, em sua maioria, acreditam que as crianças não têm consciência de sua sexualidade, ou como elas verbalizavam, ao ato sexual; algumas acreditam que as crianças possam ter sim, a consciência, até mesmo por talvez presenciarem relações sexuais de seus pais, ou estarem expostas a vídeos eróticos que são assistidos por irmãos mais velhos.

“eu penso assim, tem criança que passa despercebido, não compreende muito bem, tem criança que já compreende. Eu tenho uma priminha, que por sinal foi minha daminha de casamento, ela tem 2 anos e pouquinho, mentira ela tem 3anos, ela canta todinho o Lepo-lepo e perguntou você sabe o que é isso, o que é Lepo-lepo? Ela falou assim, eu sei vovó, pra minha tia, eu sei vovó é o pipi, ela fala que é o pipi e cai na risada. Então assim, não tem toda a consciência sexual, mas sabem que é uma coisa mais restrita, então vira uma grande brincadeira, porque é uma coisa mais restrita, mas ao mesmo tempo tá ali.” (profa.3)

“na escola do Jd. Interlagos onde trabalhava, existia mais curiosidade das crianças sobre o tema sexualidade, eu acredito porque a moradia normalmente são os quartos todos juntos com os pais e que tem filme erótico que as crianças comentavam ter visto à noite quando acordavam. Nessa escola que está atualmente, a incidência é menor, embora queiram, às vezes, olhar o genital um do outro. Não faço muito alvoroço e trato naturalmente e respondo o que perguntam e pronto”.(profa.6)

“...que aconteceu na quadra agora, por exemplo, que a gente tava comentando eu e a outra professora, o menino colocou a máscara do batman com a boca, sei lá o que virado pra baixo e o outro menino tava enfiando a língua no buraco, então pondo a língua na boca do menino, lá do outro lado, isso ali na nossa cara. O que vocês estão fazendo? Mas o que é isso, que brincadeira que é essa? Aí é um momento pra depois conversar com eles, né, porque é um momento de descobertas também, eles estão descobrindo muita coisa, e nós sabemos, quem já estudou sobre o assunto, sabe que criança sente prazer sexualmente falando, né, por isso que é todo mundo preocupado, porque é uma preocupação por que eles ainda não têm o psicológico formado pra entender isso, pra saber o que é bom pra elas, pra saber o que vai interferir na vida delas pra sempre, como por exemplo, quando um adulto abusa de uma criança, eles não têm noção do quanto que aquilo é sério”. (profa.3)

“Então, como eu falei o que eu percebo deles aqui é que eles não sabem o que cantam então eles não, eles nunca me trouxeram assim, alguma dúvida e nunca me questionaram sobre, a, mas isso tá falando, o que quer dizer, isso nunca aconteceu, eu acho que eles nem sabem o que tão cantando, nem tem essa percepção da sexualidade.” (profa.1)

A maioria das professoras pesquisadas tem dúvidas a respeito da ingenuidade da criança, talvez porque elas prefiram acreditar que são ingênuas a refletirem sobre as possibilidades do seu desenvolvimento psicosssexual de forma natural e inerente ao ser humano. Pensam que a criança reproduz o que vivencia, principalmente em casa, e que os pais incentivam as danças e permitem a escuta de músicas eróticas. Apesar de terem

a consciência desse desenvolvimento na criança, acreditam que há um momento certo ou uma maturidade para discorrer sobre o assunto, não conseguindo evidenciar o quanto a Educação Sexual é pertinente a todo o momento, desde as descobertas do corpo, dos genitais, até os conteúdos das letras que atualmente, cantam e dançam, indiscriminadamente, sem esquecer-se das novelas, que trazem situações sobre as quais as crianças talvez ainda não consigam ter um pleno entendimento.

Ao mesmo tempo, essas crianças estão à vontade nas salas de suas casas presenciando cenas de beijos homossexuais que são reproduzidas, posteriormente, nas salas de aula, mas como não há nenhum projeto sobre sexualidade, apenas acontece o desvio do assunto, diminuindo a capacidade reflexiva da criança, de acordo com sua idade. Quando há situações em que aconteça uma possível expressão homossexual, os pais sentem-se ofendidos e cobram uma postura da escola, ou para impedir algum constrangimento de colegas ou até mesmo pedindo a proibição de brincar com esse ou aquele brinquedo que é socialmente designado para meninas ou meninos.

6.2.3) Educação Sexual: possibilidade, viabilidade, um novo conceito de educação.

Existe a dúvida de como falar de Educação Sexual para a Educação Infantil, já que para a sociedade, a criança ainda é vista como assexuada. Temos esse conceito da assexualidade infantil em Foucault (1988, p. 10):

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral aplicado.

Faz-se necessário pensar se é viável a Educação Sexual na infância. Primeiramente, temos que enxergar a sexualidade na criança, não de forma erotizada, mas nos princípios básicos de estrutura corporal, ou seja, meninas com vulva e vagina, meninos com pênis, além, é claro, da marca social que posteriormente, será incutida a cada figura, masculina e feminina. Num segundo momento, pensar em abordar a questão da sexualidade de forma natural, pertencente ao indivíduo e seu desenvolvimento nas várias áreas, como o biológico, fisiológico, emocional, afetivo, entre outros.

Para a viabilidade desta Educação Sexual, é necessário desenvolver projetos como uma forma real de educação, porém, não apenas como um recurso de “apagar o fogo”, como uma saída no momento em que acontece alguma intercorrência e as docentes não estejam se sentindo preparadas para lidar com a problemática, seja com o aluno ou familiares; trazer para a escola alguém que facilite um momento de reflexão, de amparo e de sugestões de como melhor conduzir o assunto sexo e sexualidade.

Para um novo conceito de Educação Sexual na infância se fazer eficaz e presente, deve-se educar primeiro os professores, desmistificando pré-conceitos arraigados pela sociedade que os mesmos trazem consigo. Em seguida, educar os pais, trazendo à reflexão o desenvolvimento do seu filho (a) e suas necessidades também na questão da sexualidade como forma de conhecimento do seu corpo, do corpo do outro e suas curiosidades naturais de cada idade. Diante disso, o trabalho com o discente se dará com mais fluência, pois já estarão estabelecidas as necessidades dos pais e professores unificando a linguagem a respeito da Educação Sexual de forma clara, respeitando a idade de cada grupo e curiosidades, bem como as informações pertinentes que tragam esclarecimento e conscientização, mesmo porque, a cada dia que passa, as crianças estão ligadas em redes de comunicação, em que a linguagem sexual é muito utilizada.

É preciso refletir acerca das falas de algumas professoras quando lhes foi perguntado a respeito da Educação Sexual para o Ensino Infantil e sua importância.

“Eu acho que é importante a partir do momento que eles começam a ter curiosidade, começa a perguntar, então eu acho que é hora de explicar, eu acho que enquanto não surgir a pergunta, deixa aparecer naturalmente”. (profa.2)

“Importantíssimo, mas eu acredito que quando há a necessidade, quando se demonstra uma necessidade, é mais importante, como eu te disse se você vê que as crianças estão mais infantilizadas, agora tem lugares que tem mesmo uns casos que são mais gritantes que você tem que trabalhar”. (profa.2)

“... no banheiro as meninas tiram a roupa e depois é que vão pegar o papel e os meninos ficam olhando, pois elas passam pelo banheiro dos meninos”. (profa.3)

Por mais importante que a Educação Sexual na escola, desde a Educação Infantil, possa parecer para as entrevistadas, ainda há um receio muito grande em despertar na criança a sexualidade em hora inapropriada. De forma geral, não dizem abertamente que não seria adequado falar sobre o ato sexual, mas acreditam na importância de explicar aquilo que é perguntado e também relacionam essa necessidade à classe social, ou seja, em algumas escolas que se situam em bairros mais centrais,

algumas professoras percebem menos erotismo e evidências sobre a sexualidade nas crianças. Por outro lado, não descartam que há evidências que em alguns momentos está diretamente ligada à imposição da mídia, e percebem que nas escolas que trabalham ou trabalharam, as quais se encontram nas periferias, há mais casos em que a sexualidade infantil apresenta-se mais a florada, embora não acreditam ser uma verdade absoluta. Vejamos uma transcrição que confirma essa observação:

*“Para mim, este ano 2014 foi bastante diferente com relação à sexualidade que eu ainda não tinha lidado com isso, para mim não estava tão visível, apesar de ter duas filhas, que eu não passei com nenhuma das duas, não tive nenhum comentário sobre isso de professor, para mim foi diferente, eu quero dizer, eu não pensava que nessa idade eles já queriam beijar na boca, pegar nos genitais dos amigos, passei ficar mais atenta e um toque que eu não tinha, porque eu tive reclamação de mãe que um amigo mexia no genital do filho dela, então passei a controlar mais a ida ao banheiro, porque era no momento que iam de dois em dois ao banheiro, passei a deixar ir de um em um, para que eu também não tivesse nenhum outro problema posterior. **Você atribui isso, essa curiosidade, você acha que a música a mídia é forte nesse processo?** Bem forte, não só isso, mas também a relação família influência bastante, porque, se essa criança ela presencia alguma coisa é lá na escola que ela vai demonstrar. (profa.7)*

Quando questionadas sobre a possibilidade da classe social ser um fator de discriminação para essas famílias, a professora (7) respondeu que elas não eram tão carentes, e acredita que a condição social não seja o principal na questão da sexualidade e a audição de músicas eróticas.

Se a condição social não é um fator determinante para que a sexualidade infantil seja mais a florada, se é possível constatar e evidenciar esse afloramento em várias classes sociais é importante se questionar sobre o que então pode estar provocando o desenvolvimento da sexualidade cada vez mais cedo.

Se a Educação é para todos, seja ela sexual ou de qualquer outro caráter formativo e informativo, essa Educação deveria chegar com igualdade para todas as classes sociais, porém, como se pode observar constantemente na nossa sociedade, infelizmente, não há uma educação igualitária entre as classes, mas como diz Bourdieu:

Se considerarmos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo o sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclama ideais democráticos, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios. (BOURDIEU, 1998 p.53)

Pode-se perceber através das entrevistas realizadas, que há uma forte influência da música como forma educativa para a sexualidade através das variadas mídias, a qual atinge as várias classes sociais vigentes. O questionamento que pode ser feito é se no quesito Educação Musical tudo está nivelado pela força maior que é a mídia e o poder do consumo através da música, quando de trata do tema sexo.

Que há influência na sexualidade das crianças está notório pelas falas das entrevistadas e pelos relatos comportamentais dos alunos perante as músicas escutadas em casa, na TV, no rádio, na internet e que na escola são trazidas, mostradas, destacadas. É preciso pensar na possibilidade de trazer essa influência musical como uma forma de Educação Sexual através da música, contextualizando as situações rotineiras de curiosidades infantis com relação ao sexo, à sexualidade, como o nome dos órgãos genitais (o famoso LEPO-LEPO), ou a questão de onde vêm os bebês, as questões de gênero e suas implicações sociais como mostradas anteriormente nas cantigas de roda que, a todo tempo, educam sexualmente, e, sobretudo, ditam uma verdade de comportamentos e regras sociais que obrigam as crianças, desde a tenra idade, a ter características que são aceitáveis, tidas como “normais” para a sociedade.

7) Considerações Finais

“A música oferece à alma uma verdadeira cultura íntima e deve fazer parte da educação do povo”.
(François Guizot)

É possível constatar através desta pesquisa e na opinião das professoras entrevistadas, que a realidade das crianças do Ensino Infantil das Escolas Municipais de Ribeirão Preto (EMEF) pesquisadas, na faixa etária de 4 a 5 anos, em relação à compreensão da sexualidade através da música se faz de forma inconsciente, embora, em alguns momentos, há uma consciência parcial, pois as professoras chamam a atenção de forma a proibir e reprimir algum gesto ou canção que trazem a temática da sexualidade. Inconscientemente, as crianças cantam e dançam, e muitas já compreendem que a temática sobre o sexo e sexualidade está inserida nas canções.

É possível perceber também, a ausência do ensino formal de música por um profissional qualificado e o despreparo das docentes para lidarem com as músicas que têm contextos sexuais e eróticos, bem como o despreparo para um trabalho crítico e reflexivo acerca da Educação Sexual na infância.

Na maioria das vezes há uma negação da sexualidade das crianças por parte das professoras entrevistadas, e apenas acontece um desvio de assunto por ser esse tema ainda um tabu e que assim como a música, não está incluído nos currículos das graduações dos cursos de pedagogia, embora todas elas concordem com a importância tanto da Educação Musical quanto da Educação Sexual para as crianças do Ensino Infantil.

Fica aqui como sugestão, a aplicação de projetos complementares em formato de oficinas, palestras ou até mesmo cartilhas educativas, para que possa acontecer a Educação Sexual através da música, utilizando-se das músicas midiáticas, bem como as canções de roda ou infantis para contextualizar e trazer a reflexão sobre as letras e sua relação para com a sexualidade, e, sobretudo, respeitando as curiosidades e possibilitando que através da ludicidade, ou seja, cantando, dançando, brincando, possa se fazer uma Educação Sexual crítica e reflexiva. É provável que com a contribuição da música isso seja mais fácil e enriquecedor para o desenvolvimento da criança desde a primeira infância, sempre tratando o assunto sexualidade e sexo de forma natural e inerente ao ser humano.

É de suma importância que sejam incorporados nos cursos de graduação, principalmente nos cursos de Pedagogia, disciplinas ou curso de extensão que contemplem a Educação Musical e a Educação Sexual, de forma a nortear as futuras docentes que serão as formadoras das crianças, futuros cidadãos, contribuindo para que possam ser críticos, reflexivos e emancipados em suas decisões e com entendimento global e totalizador de seres que são biopsicossociais, emocionais e espirituais. As temáticas até aqui percorridas fazem dos indivíduos seres capazes de viver a plenitude da vida com felicidade, que é o objetivo maior de toda a humanidade.

Portanto, trazer a Educação Musical e a Educação Sexual para a sala de aula, desde a tenra infância até a formação profissional, é de extrema importância para que se possa oferecer uma qualidade de ensino, de cultura, de consciência para a formação do cidadão de qualquer classe social, para que ele possa ter condições de estar inserido em contextos que são privilégio de poucos.

8) REFERÊNCIAS

Almeida, M. Berenice de, Pucci, Magda Dourado. Outras terras, outros sons.

São Paulo:Callis, 2002.

Allucci & associados comunicações. A música na escola. São Paulo 2012 ISBN: 978-85-61020-01-9

Ariès, Philippe. História social da infância e da família. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. 196p.

Bauer, M. W; Gaskell, G. Pesquisa qualitativa com textos: imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petropolis, RJ: Vozes, 2002, 516p.

Benezon, R. Teoria da musicoterapia; Tradução de Ana Sheila M. de Uricoecheal – São Paulo: Summus, 1988, 177p.

Bourdieu, P.: Sociologia. Organizador da coletânea Renata Ortiz. Ed. Ática - São Paulo, 1983.

Bourdieu, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: Ortiz, R. (org.) Pierre Bourdieu: sociologia. São Paulo:Ática, 1983. p.46-81.

Bourdieu, Pierre. O Poder Simbólico. Editora Bertrand Brasil S.A. – Rio de Janeiro, 1989.

Bourdieu, Pierre. 1930-B778s Sobre a televisão /Pierre Bourdieu; tradução, Maria Lúcia Machado. — Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

Bourdieu, Pierre. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In:NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (orgs). Escritos de educação. Petrópolis, Vozes, 1998.

- Bourdieu, Pierre. A dominação masculina. Tradução: Maria Helena Kühner - 2ª ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 160p.
- Bourdieu, Pierre. Meditações Pascalianas. 2ª ed. - Rio De Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- Bourdieu, Pierre. A Distinção: crítica social do julgamento. 2. ed. rev. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos temas transversais, ética. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf
- Bueno, S.M.V. Educação preventiva em sexualidade, DST-AIDS e drogas nas escolas [tese de Livre docência]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2001.
- Chauí, M. Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- Coelho, Márcio; Favaretto, Ana. Batuque Batuta: música na escola, 5º ano. São Paulo: Saraiva, 2010.
- Faour, Rodrigo. História Sexual da MPB: a evolução do amor e do sexo na canção brasileira. 4ª ed.- Rio de Janeiro: Record, 2011.
- Fadiman, J. Frager, R. Teorias da personalidade. São Paulo: Harbra, 1986.
- Foucault, Michel. História da sexualidade. A vontade de saber. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 152p. Vol. 1.
- Foucault, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhte. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.
- Fuks, Rosa. O discurso do Silêncio. Rio de Janeiro: Enelivros, 1991.

Garton, Stephen. História da sexualidade: da antiguidade à revolução sexual. Lisboa: Estampa, 2009. 382p.

Ludke, M. André. E.D.A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas – São Paulo: EPU, 1986.

Millecco Filho, Luís Antônio. Musicoterapia, cantos e canções. Rio de Janeiro: Enelivros, 2001.

Nunes, César; SILVA, Edna. A. da. As manifestações da sexualidade da criança: desafios teóricos e subsídios didáticos para pais e educadores. Campinas, SP: Século XXI, 1997. 151p.

Nunes, César. Desvendando a sexualidade. 7. ed, Campinas: Papyrus, 2005.

Ribeiro, P.R.M. (org.) Sexualidade e Educação: aproximações necessárias, São Paulo: Art & Ciência, 2004.

Ribeiro, P. R. M. Sexualidade também tem história: comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: MAIA, A. C. B.; MAIA, A. F. (org.). Sexualidade e Infância. Bauru: FC/ Unesp; CECEMCA, 2005. vol. 1, cap. 1, p. 17- 44.

Rousseau, J.J., Emílio, ou, Da educação. Tradução Roberto Leal Ferreira – 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Ruud, Even (org.). Música e saúde. São Paulo: Summus, 1990.

Santana, C. C. P. Orientação sexual no ensino médio: uma questão de cidadania. 2006. 41 f. Monografia (Especialização) – Instituto de Biologia Roberto Alcântara Gomes, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

Santos, Claudiene; BRUNS, Maria Alves de Toledo. A educação sexual pede espaço: novos horizontes para a práxis pedagógica. São Paulo: Ômega Editora, 2000.

- Schafer, R. Murray. O ouvido pensante. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.
- Schafer, R. Murray. A afinação do mundo: uma experiência pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: paisagem sonora. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 382p.:il.
- Sexualidade e Infância / organizado por Ana Cláudia Bortolozzi e Ari Fernando Maia – Bauru: FC/Unesp; CECEMCA. 2005. 204 páginas. (Cadernos Cecemca, v. 1).
1. Sexualidade. 2. Repressão sexual. 3. Educação sexual. I. Série.
- Stearns, P. N. História da Sexualidade. São Paulo: Contexto, 2010.
- Tatit, Luiz. O século da canção. Ateliê Editorial, 2004. 251p.
- Tinhorão, José Ramos. História Social da Música Brasileira. São Paulo: Ed 34, 1998. 384p.
- Vygotsky, L.S., A formação social da mente. SP: Martins Fonte, 1984.
- Willems, Edgar. As bases psicológicas da educação musical. Edição patrocinada pela Fundação Calouste Gulbenkian, 1990.
- Werebe, M. J.G. Educação Sexual: instrumento de democratização ou de mais repressão? Cadernos de pesquisa, São Paulo, n.36, p. 99-110, fev. 1981.
- Site consultado:
<http://www.infoescola.com/folclore/cantigas-de-roda/>
<http://www.vagalume.com.br>
<http://g1.globo.com/educacao/enem/2014/noticia/2014/11/tema-da-redacao-do-enem-sobre-publicidade-infantil-no-brasil.html>
<https://www.psicologiamsn.com/2011/02/inconsciente-coletivo.html>

ANEXO 1

QUESTÕES PARA ENTREVISTA/PESQUISA DE CAMPO.

IDADE:

FORMAÇÃO:

RELIGIÃO:

- 1) Como é a rotina das aulas no ensino infantil?
- 2) Há aula de música? Quem ministra essas aulas? Como e onde elas acontecem?
- 3) Quais os gêneros musicais ensinados na educação infantil na aula de música e/ou na sala de aula?
- 4) Quais os temas das músicas trazidas pelas crianças na aula de música e /ou na sala de aula?
- 5) Você percebe se o tema sexo e sexualidade aparecem nas músicas que as crianças cantam? Se sim, como você lida com isso?
- 6) Há algum projeto na escola que trabalha com a questão da sexualidade?
- 7) Qual a metodologia adotada na escola para desenvolver com os alunos do ensino infantil o tema transversal sexo/sexualidade?
- 8) Como as crianças se expressam quando nas músicas há o tema sexo/sexualidade?
- 9) Você acha importante um trabalho sobre sexualidade no Ensino Infantil?
- 10) Você acredita ser possível abordar a sexualidade através da música? Por quê?